

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA**

MARIA CORINA DA CONCEIÇÃO

**AUTONOMIA E EMANCIPAÇÃO INTELECTUAL NO ENSINO DE FILOSOFIA:
uma proposta para o Ensino Médio**

Recife
2025

MARIA CORINA DA CONCEIÇÃO

**AUTONOMIA E EMANCIPAÇÃO INTELECTUAL NO ENSINO DE FILOSOFIA:
uma proposta para o Ensino Médio**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Filosofia – PROF FILO – da Universidade Federal de Pernambuco, para obtenção do título de Mestre no Ensino de Filosofia.

Orientador: Professor Dr. Junot Cornélio de Matos

Recife
2025

FICHA CATALOGRÁFICA

Conceição, Maria Corina da.

Autonomia e emancipação intelectual no Ensino de Filosofia:
uma proposta para o Ensino Médio / Maria Corina da Conceição. -
Recife, 2025.

110f.: il.

Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal de Pernambuco,
Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Mestrado
Profissional em Filosofia (PROF FILO), 2025.

Orientação: Junot Cornélio de Matos.

1. Autonomia; 2. Emancipação intelectual; 3. Filosofia. I.

Matos, Junot Cornélio de. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

MARIA CORINA DA CONCEIÇÃO

**AUTONOMIA E EMANCIPAÇÃO INTELECTUAL NO ENSINO DE FILOSOFIA:
uma proposta para o Ensino Médio**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Filosofia – PROF FILO – da Universidade Federal de Pernambuco, para obtenção do título de Mestre no Ensino de Filosofia.

Orientador: Professor Dr. Junot Cornélio de Matos

Aprovada em: 28/05/2025

Banca Examinadora

Prof. Dr. Junot Cornélio de Matos
Universidade Federal de Pernambuco (Orientador)

Dr. ADAILTON PEREIRA DE MELO
Examinador Externo

Dra. CELIA MARIA RODRIGUES DA COSTA PEREIRA NUNES, UFPE
Examinadora Interna

Dedico este trabalho a minha filha, Alícia da Conceição Andrade, que tem me mostrado o quanto o amor é incondicional e importante em nossas vidas. Sou grata pelo companheirismo, amizade, afeto, confiança e partilha nesses 14 anos de vida. Desde que chegou em minha vida, sua presença ilumina e dá sentido ao meu viver. Uma filha inteligente, amorosa e muito humana. Orgulha-me a forma como ela enxerga a vida e as pessoas. Uma menina consciente politicamente e ética, uma mulher de personalidade forte e aguerrida. O que tinha em mim, antes de sua chegada, foi totalmente transformado. Alícia, a filha que é do jeito que sonhei ter. Obrigada, meu amor, por você ser minha filha.

AGRADECIMENTOS

A minha família, a minha mãe, Dona Corina Conceição (*in memoriam*). Meu pai, João Bezerra, minhas irmãs, Carminha, Aurea, Lurdinha, Lúcia, Patrícia e meus irmãos, Manoel João e José Rinaldo, meus sobrinhos e sobrinhas, meus cunhados e cunhadas.

Aos meus professores e professoras e aos amigos e amigas, que contribuíram em toda minha vida acadêmica, profissional e pessoal.

Em especial, ao meu orientador, Prof. Dr. Junot Matos.

As minhas amigas, Me. Romualda Mirdes e Me. Sara Ingrid, Me. Fátima Raposo, Me. Aldijane Oliveira, e ao amigo querido, Prof. Dr. Flávio Carvalho. Sem eles minha vida não teria tanta graça e conquistas não teriam tantos sabores.

Agradeço ainda aos meus colegas de profissão. São tantas pessoas importantes que fazem parte da minha vida que não cabem nessas páginas. Mas, cabem todos e todas em meu coração e os guardarei com muito cuidado e carinho.

À Capes, pelo financiamento da pesquisa, por meio da concessão da bolsa.

À gestão da Escola Estadual Francisco Leão, por ter me acolhido como na realização desta pesquisa e à Secretaria de Educação de Alagoas.

Aos companheiros e companheiras de luta, meu mais sincero respeito e gratidão. E por isto digo:

Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me ha dado el sonido y el abecedario
Con el las palabras que pienso y declaro
Madre, amigo, hermano y luz alumbrando
La ruta del alma del que estoy amando (Violeta Parra, 1966)

Viver sem Tempos Mortos

Quanto a mim, não mais me deitar cansada no feno perfumado. Ou deslizar na neve deserta, onde exatamente eu me encontro. O que me surpreende é a impressão de não ter envelhecido embora eu esteja instalada na velhice. Não mais me deitar no feno perfumado ou deslizar na neve deserta. O tempo é irrealizável. Provisoriamente, o tempo parou pra mim. Provisoriamente.

Não ignoro as ameaças que o futuro encerra, como também não ignoro que é o meu passado que define a minha abertura para o futuro. O meu passado é a referência que me projeta e que eu devo ultrapassar.

Sim. É isso. Reconheço que ao meu passado eu devo o meu saber, a minha ignorância, os meus interesses, as minhas relações, a minha cultura e o meu corpo. Hoje, que espaço o meu passado deixa para a minha liberdade? Não sou escrava dele. Não sou escrava do meu passado.

O que eu sempre quis foi somente comunicar da maneira mais direta o sabor da minha vida, da minha própria vida. Acredito que consegui fazê-lo.

Não desejei nem desejo nada mais do que viver sem tempos mortos (*In: Simone de Beauvoir: Viver sem tempos mortos. Peça encenada por Fernanda Montenegro, em 2011*).

RESUMO

A autonomia é uma expressão de grande significado pedagógico e político. As atitudes autônomas e filosóficas nas salas de aula abrem novas perspectivas no sentido de dar ao estudante a liberdade de aprender a partir dos seus próprios anseios e vontades. A partir da produção criativa e autoral da revista do estudante, foi possível perceber a surpreendente capacidade dos estudantes em aprenderem “sozinhos” e sem a tutela do professor. Conclui-se que não é necessário um outro para referendar ou não o conhecimento de outrem. A abordagem sobre a ignorância no fazer pedagógico demanda autocrítica e uma consciência do SER para a outra pessoa um facilitador no processo de aprender. Essas afirmações abrem possibilidade para serem investigadas, afirmadas, negadas, construídas, desconstruídas e reconstruídas. Dentro do contexto pedagógico, a autonomia é uma poderosa ferramenta de autoconhecimento e consciência para formulação de práticas pedagógicas democráticas eficientes, uma vez que a postura diante do espaço escolar inclui de formas criteriosas elementos de diversas áreas de conhecimentos de maneira a aprendizagem se tornar mais prazerosa e crítica. Diante disso, o presente trabalho teve como objetivo fazer uma análise crítica da aplicação de uma intervenção pedagógica que tem como base a utilização dos conceitos e práticas de autonomia como ferramenta de ensino, utilizando uma sequência didática iniciando-se de aulas teóricas que possuem como intuito apresentar uma bagagem teórica para melhor entendimento dos conceitos, criação de uma sala participativa e ativa e um feedback a partir de atividades com os discentes. Concluiu-se que a utilização de atividades e atitudes de autonomia e liberdade como ferramenta de ensino de filosofia mostrou-se eficaz no que diz respeito à emancipação do conhecimento, devido ao empenho na participação e também da melhora da autoestima, autoconhecimento e criatividade, pois a utilização desse método tornou as aulas mais atrativas e efetiva a socialização dos conhecimentos dos discentes.

Palavras-chave: autonomia; ensino-aprendizagem; filosofia; emancipação intelectual; educação.

ABSTRACT

Autonomy is an expression of great pedagogical and political significance. Autonomous and philosophical attitudes in the classroom open new perspectives by giving students the freedom to learn based on their own desires and interests. Through the creative and authorial production of the student magazine, it was possible to observe the students' surprising ability to learn "on their own" without the teacher's supervision. It is concluded that the validation of knowledge by another person is not necessarily required. Addressing ignorance in the pedagogical process demands self-criticism and an awareness of being a facilitator in the learning process for another person. These statements open up possibilities for investigation, affirmation, denial, construction, deconstruction, and reconstruction. Within the pedagogical context, autonomy is a powerful tool for self-knowledge and awareness, allowing for the formulation of efficient and democratic teaching practices. The approach to the school environment must thoughtfully integrate elements from various fields of knowledge, making learning more enjoyable and critical. In this regard, the present study aimed to conduct a critical analysis of the application of a pedagogical intervention based on the use of autonomy-related concepts and practices as a teaching tool. A didactic sequence was employed, beginning with theoretical lessons designed to provide a solid theoretical foundation for better understanding of the concepts, followed by the creation of a participatory and active classroom, and concluding with feedback activities involving students. The study concluded that the use of autonomy and freedom-based activities and attitudes as a teaching tool for philosophy proved effective in terms of knowledge emancipation. This effectiveness was evident in the students' engagement, increased self-esteem, self-awareness, and creativity. The implementation of this method made lessons more engaging and facilitated the effective socialization of students' knowledge.

Keywords: autonomy; teaching-learning; philosophy; intellectual emancipation; education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Debate sobre material de estudo	46
Figura 2 - Leitura de material escolhido	47

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -Planejamento de aula 1	52
Quadro 2-Planejamento de aula 2	52
Quadro 3-Planejamento de aula 3	53
Quadro 4 -Planejamento de aula 4	54
Quadro 5 -Planejamento de aula 5	55
Quadro 6 -Planejamento de aula 6	55
Quadro 7 -Um exemplo prático de autonomia na vida estudantil	61
Quadro 8 -Aprendizados e participação	72
Quadro 9 -Sentimentos na construção da revista	73
Quadro 10 -Experiências na criação da revista.....	75
Quadro 11 -Contribuições da filosofia no conhecimento	76
Quadro 12 -Percepções dos alunos sobre a filosofia na escola	78
Quadro 13 - Preferência de aprendizagem: respostas prontas ou pesquisa?	80
Quadro 14 - Percepções estudantis sobre a escola e a aprendizagem.....	83
Quadro 15 - Percepções estudantis sobre o sentido da escola.....	84
Quadro 16 - Expectativas dos estudantes em relação à escola	86

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CHSA	Ciências Humanas e Sociais Aplicadas
DOT	Docente Orientador de Turma
EJA	Educação de Jovens e Adultos
Enem	Exame Nacional do Ensino Médio
GEE	Gerência Especial de Educação
Ideb	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
pALei	Programa Alagoano de Ensino Integral
PPP	Projeto Político-pedagógico
Prof-Filo	Mestrado Profissional de Filosofia
ReCAL	Referencial Curricular
Seduc	Secretaria de Educação de Alagoas
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	PERCURSO DA FILOSOFIA NO CURRÍCULO ESCOLAR BRASILEIRO.....	17
2.1	A FILOSOFIA NO PERÍODO COLONIAL.....	18
2.2	PERÍODO POMBALINO.....	19
2.3	PERÍODO DA DITADURA MILITAR.....	20
2.4	PERÍODO DEMOCRÁTICO	21
3	PROPOSTA DE EMANCIPAÇÃO INTELECTUAL DE RANCIÈRE E AUTONOMIA EM PAULO FREIRE.....	24
3.1	RANCIÈRE E JACOTOT - do mestre despretensioso à descoberta surpreendente	27
3.2	JEAN-JOSEPH JACOTOT	28
3.3	PAULO FREIRE E A PEDAGOGIA DA AUTONOMIA	31
3.3.1	O que significa pensar a autonomia do estudante?	32
3.3.2	A autonomia na concepção freiriana	39
4	ENSINO DE FILOSOFIA DA ESCOLA ESTADUAL FRANCISCO LEAO PROCESSO DA PESQUISA E A AUTONOMIA E EMANCIPAÇÃO INTELECTUAL NA SALA DE AULA	41
4.1	CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E ORGANIZACIONAL DA ESCOLA ESTADUAL FRANCISCO LEÃO	42
4.2	OS SUJEITOS DA PESQUISA.....	44
4.3	ESPAÇO DA PESQUISA	46
4.4	ASPECTOS METODOLÓGICOS DA INTERVENÇÃO.....	47
4.5	CONTEXTO DA PESQUISA	50
4.6	AULA 1: APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO E DOS CONCEITOS DE AUTONOMIA E EMANCIPAÇÃO INTELECTUAL	55
4.7	AULA 2: PAULO FREIRE E O CONCEITO DE AUTONOMIA	59
4.8	AULA 3: RANCIÈRE E A EMANCIPAÇÃO INTELECTUAL	63
4.9	AULA 4: CARACTERÍSTICAS DE UMA REVISTA	66
4.10	AULA 5 E 6: FORMAÇÃO DE GRUPOS, ROTEIRO E DESIGN	68
4.10.1	Aula 7: produção da revista.....	69
4.10.2	Análise de atividade autonomia em sala de aula	71
5	CONCLUSÃO	90
REFERÊNCIAS		96
APÊNDICE A – FORMULÁRIO DE PESQUISA.....		98
APÊNDICE B – REVISTA DO ESTUDANTE.....		100

1 INTRODUÇÃO

Comunicar quem sou e de onde vim torna-se importante para que entendam minha caminhada e onde meus pés pisam hoje. Eu sou Maria, mas não qualquer Maria, sou Maria Corina da Conceição, 59 anos, natural de Bezerros, Pernambuco. Mãe de uma menina, filha de agricultores/funcionário público (pai) e mãe (*in memoriam*), trabalhadora da família (cuidou da casa, oito filhos e o marido). Aos 20 anos, com apenas a 4^a série, iniciei o curso no Supletivo do antigo Primeiro Grau, hoje Ensino Fundamental, no Centro Educacional Eurico Queiroz, na cidade Bezerros e concluído na Escola Estadual Poeta Joaquim Cardoso. Ao término de dois anos concluí a oitava série. Aos 23 anos, com muito esforço, dividindo a vida de sonhos, os trabalhos de subsistência, alcancei com êxito o Ensino Médio no curso de técnico em contabilidade.

Foi nesse período que foi acontecendo o envolvimento com os movimentos sociais e político, como o movimento estudantil e um grupo de jovens de esquerda politicamente organizados, nos quais aderimos com toda dedicação às causas de interesse de melhoria dos estudantes, dos trabalhadores, e das mulheres.

Fomentados pelo calor das Diretas Já e a conquista da nova Constituição de 1988, a retomada das mobilizações dos estudantes secundaristas foi intensa, assim como a reconstrução das entidades estudantis, e a realização dos congressos, que exigiam nova forma de manifestação democrática, após anos de ditadura militar e repressão política, aos movimentos sociais de base. As ruas foram tomadas em vários momentos pelos estudantes em busca de barrar os aumentos abusivos das passagens de ônibus e das mensalidades das escolas particulares, como também para assegurar a gratuidade das escolas públicas, pois até então eram cobradas algumas taxas financeiras para garantir a matrícula e outros benefícios aos estudantes.

Ao longo da década de 1990, uma das conquistas mais importantes foi a carteira de estudante e a meia entrada em cinemas, shows, teatro, eventos esportivos e etc. Fomos motivados pelo sabor da conquista e por sentir a força da população, movidos por uma causa maior na coletividade. As mudanças na minha vida foram radicais e passei a entender o que é direita, esquerda e a luta de classes.

A primeira de oito irmãos, seis mulheres e dois homens, sendo a única a fazer uma faculdade, fui inspiração para outros membros da família que vieram

posteriormente. Mãe da pequena/grande Alícia, fruto de meu ventre e do meu amor, me tornando, assim, o ser Mãe, aos 46 anos, uma das mais ricas experiências até hoje vividas.

Entre as várias lutas e conquistas, a Licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), no ano de 1999, foi um marco na vida acadêmica, Especialista em Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) (UFPE, 2004), impulsionou a pesquisa com um trabalho monográfico sobre Cultura em Paulo Freire, intitulado: Discutindo cultura na EJA : análise de experiência com alunos em processo de alfabetização / Conceição, Maria Corina da, realizada em uma turma de alfabetização de jovens e Adultos no Programa Brasil Alfabetizado. O resultado do nosso trabalho foi escolhido para participar da formação dos professores do Centro de Educação (UFPE), em formato de vídeos e livros contando as experiências na sala de aula na equipe dos professores doutores Arthur Morais, Telma Ferraz, Maria Lúcia Figueiredo, entre outras importantes pessoas neste processo.

A primeira experiência docente foi ainda menor idade (16 anos) no Programa – Mobral (em 1982), no Sítio Serra Negra - Bezerros-PE. A minha mãe, analfabeta, que não teve acesso à escola antes, foi uma das estudantes da turma matriculada e aprendeu a desenhar o nome, como ela mesmo dizia. Ela conseguiu apenas desenhar o nome e, ao lembrar da alegria dela quando viu o que fez, ficou marcado em mim, e mesmo não sabendo ler e escrever as letras, tinha uma sabedoria de vida incrível. Até então não conhecia Paulo Freire, mas Paulo Freire conhecia as Corinas, as Marias, as Josefias e tantas outras pessoas na condição de analfabetas. Eu sentia o gosto da autonomia desde muito cedo.

Aos 12 anos sai em busca trabalho para sobreviver, fui uma daquelas que são levadas como sendo da família, mas as da família, aos 12 anos não lavam banheiro, fazem faxina, comem por último, o que sobra das refeições, mas para receber pelos serviços, argumentavam que era como se fossemos da família. Então aprendi a me virar “sozinha”, porém, o sonho de estudar estava vivo sempre dentro de mim. Com as experiências vivenciadas e em curso, pensar por mim mesma, era inevitável. Poder avançar na emancipação intelectual como meio para me situar no mundo como direito inalienável me encorajava a levantar todos os dias. A rebeldia contra a repressão e as injustiças me moviam até a praça do diário, a inquietude uma marca tatuada ne minha história. A liberdade, o direito à voz e à vez sempre foram e continuam sendo o farol da luta e da vivência cotidiana.

Professora da Rede Estadual de Alagoas desde 2007, na disciplina de Filosofia. Gestora por duas vezes, técnica em Educação escolar Indígena pela Secretaria de Educação de Alagoas (Seduc-AL) por dois anos e, atualmente, professora da rede estadual em duas escolas de Tempo Integral e uma de tempo parcial, em três municípios da região metropolitana de Maceió. Professora de duas turmas na EJA modular do Ensino Médio estadual, na disciplina de Práticas Profissionais. Atuando como redatora do Referencial Curricular (ReCAL) no Ensino Médio de Alagoas, na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas do componente curricular de Filosofia (ALAGOAS, 2023).

Apesar da carga horária extensa e exaustiva que muitas vezes anula a própria vida pessoal e resultando em comprometimento da saúde física e mental, tais experiências provocaram a reflexão sobre os processos de ensino e aprendizagem na área de filosofia, principalmente voltado ao campo de discussão e vivências práticas sobre autonomia, o que foi trazendo inquietações para estudos e pesquisas na área.

A oportunidade surgida com a implementação do Mestrado Profissional de Filosofia na Educação Básica (Prof-Filo) possibilitou a investigação sobre a autonomia dos estudantes em sala de aula, como objetivo a ser perseguido.

Tendo em vista que a educação no Ensino Médio volta-se ao ensino preparatório ao Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), mesmo que a proposta curricular, conforme encontra-se em seus documentos regulatórios, garanta um ensino baseado na autonomia, protagonismo e formação para o trabalho, verifica-se ainda uma distância entre o que está posto no arcabouço documental e a realidade explícita da escola com suas dificuldades e lacunas para atender à proposta do Novo Ensino Médio no formato do Ensino Integral. Resta-nos o seguinte questionamento: Como o ensino de filosofia pode contribuir para a autonomia e a emancipação intelectual dos estudantes do Ensino Médio?

O foco neste questionamento passou a direcionar os passos seguintes da pesquisa. De início, a pesquisa tomou como campo de investigação a escola Estadual Francisco Leão, situada no município de Rio Largo, em Alagoas. É uma escola de tempo Integral, que conta com 12 salas de aula, 1 Sala de Recursos Multifuncionais (AEE), 21 funcionários, 44 professores, entre eles, 3 professores de Filosofia. A escola conta com uma estrutura que atende minimamente aos interesses dos estudantes, com alguns espaços que não possuem os equipamentos e recursos necessários ao atendimento pedagógico. A parte curricular diversificada exigida pelos Programas

PaLEI, Escola 10, Professor Mentor e Pé-de-meia, além do Docente orientador de turma (DOT), tudo funciona conforme as condições permitem.

Seguindo o processo, a intervenção levou em consideração a necessidade do tempo e hora aula, assim como também o ano/série, para determinar em qual turma poderia ser realizada a pesquisa. A escolhida foi uma das turmas do segundo ano, por dispor de um tempo maior de aulas. Para isto, foram utilizadas as aulas da disciplina de aprofundamento, intitulada: Cultura e Identidade, além da aula de filosofia. A princípio, a turma contava com 38 estudantes, dividida em grupos, a partir da habilidade e identificação de cada grupo. O início do estudo se deu com os conceitos filosóficos de identidade e cultura, r para isto foi feita a leitura do livro de história em quadrinhos, *Os Miseráveis*, de Victor Hugo.

O resultado da proposta caminhou após várias discussões entre os grupos e teve como intenção construir uma revista em quadrinhos, pois defenderem que cada um em seus grupos poderia exercer a autonomia. De fato, o processo de autonomia já estava sinalizado quando da escolha do que seria produzido e apresentado como resultado, que era demonstrar a capacidade da inteligência igualitária de aprender sozinhos, sem a tutoria do mestre, como defende Rancière (2002), e que os levasse a uma possível “emancipação intelectual”, e autonomia do conhecimento e pensamento individual e coletivo desses estudantes, sem que a professora lhes dissesse o que fazer, apenas apoiando-os para que o trabalho fosse desenvolvido.

Desta forma, já se apresenta a base teórica desta pesquisa, fundamentada nos estudos de Paulo Freire (2003), com os pressupostos teóricos sobre a autonomia e os fundamentos filosóficos de Rancière (2002), especificamente em seu livro o “Mestre Ignorante”, no qual ele traz a discussão sobre o possibilitar os processos de aprendizagem sem que o professor seja a referência do saber absoluto, mas aquele que facilita o processo de aprendizagem para que o estudante encontre o seu próprio caminho nas descobertas do seu próprio conhecimento e do que tenha vontade de aprender.

Compreendemos com Freire (2003) que uma educação que queira alcançar os objetivos de uma formação humana não prescinde do gerenciamento da autonomia, ou seja, do desenvolvimento da capacidade dos educadores e educandos serem parceiros e protagonistas no processo de aprendizagem. A autonomia conduz à emancipação dos sujeitos enquanto atores sociais transformadores, como ensina Rancière. E, na verdade, são duas dimensões que se complementam nos alicerces

de uma educação filosófica que ajude a pensar a escola, a educação, o trabalho e as relações em sala de aula e na aprendizagem.

Desta feita, a pesquisa está organizada em quatro capítulos: o primeiro situa o leitor no campo provocativo da pesquisa com a Introdução; o segundo apresenta O Percurso da Filosofia no Currículo Escolar brasileiro, aborda aspectos históricos e educacionais das idas e vindas da filosofia no currículo educacional; no terceiro capítulo tem-se A Proposta de Emancipação Intelectual de Rancière e Autonomia em Paulo Freire, num diálogo convergente; no quarto capítulo foi construído todo o arcabouço da pesquisa, contexto histórico, o campo da pesquisa e a vivência dos estudantes inspirada na experiência do professor Jacotot, exposto nos textos de Rancière (2002), *O Mestre Ignorante*.

Como resultado do exercício de autonomia e Emancipação Intelectual, apresentamos um aspecto necessário ao mestrado profissional Prof-Filo, que tem como exigência uma intervenção como resultado. Nela foi possível colocar em prática o exercício da autonomia e perceber a relevante e entusiástica empolgação e interesse dos estudantes, culminando com a produção de uma revista contendo suas reflexões a partir do material proposto para discussões.

A metodologia escolhida para este estudo é resultante da pesquisa qualitativa com foco na pesquisa participante, na qual o pesquisador faz parte do processo e, segundo Brandão e Borges (2007), deve levar em consideração a realidade concreta dos próprios participantes individuais e coletivos, envolvendo tanto pesquisador como o pesquisado no campo da pesquisa.

Na última seção teremos como aspectos conclusivos o resultado das vivências com os estudantes sobre o exercício da autonomia na produção de suas atividades, ressaltando ainda a relevância desta pesquisa para o processo de reflexão sobre nossas práticas docentes na promoção da conscientização intelectual.

2 PERCURSO DA FILOSOFIA NO CURRÍCULO ESCOLAR BRASILEIRO

Nesta seção encontram-se algumas informações importantes sobre as idas e vindas da Filosofia no currículo escolar brasileiro, comprometendo a valorização dela enquanto componente curricular pertencente ao Ensino Médio. Os projetos impositivos com financiamento do Banco Mundial para educação no Brasil, na década de 1960, também foram uma problemática a ser enfrentada devido à supressão do ensino de Filosofia e Sociologia do currículo educacional brasileiro e à intencionalidade em seguir os interesses do modelo americano, desencadeando movimentos de luta e a resistência para recolocar a filosofia e sociologia como disciplina obrigatória no currículo da educação brasileira. No contexto atual trataremos de mencionar a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como documento passível de críticas e contradições entre a teoria e a prática, mais uma vez colocando em segundo plano a filosofia no currículo do Ensino Médio (BRASIL, 2018).

Em observância ao ambiente escolar, são percebidas contradições entre os documentos oficiais que apregoam protagonismo, autonomia e o que de fato acontece no dia a dia da escola. A filosofia como conhecimento que dá sentido à vida, que pode conduzir a uma eticidade e consciência política do seu papel social, tem sido elemento secundário no currículo escolar do Ensino Médio. Alguns conceitos trazidos para a discussão teórica tal como o de educação bancária, fundamentado na teoria freiriana, ajudam a entender o funcionamento de instrumentos mantenedores do *status quo*, sustentáculo do sistema opressor, capaz de fortalecer as desigualdades sociais e a alienação política da condição de sujeitos de direitos.

O ensino de Filosofia no Brasil tem uma longa e descontínua trajetória na educação brasileira, refletindo a sua condição consequente da relação entre sociedade e educação, a qual reflete o poder das classes dominantes e as formas de controle da sociedade e poder político e econômico. Neste sentido, é pertinente trazer aspectos temporais sobre a filosofia no contexto educacional brasileiro, tendo tais elementos como influenciadores na inconstância da filosofia no currículo. Resta-nos trazer referências de quatro períodos em que se tornou marcante a presença ou não da filosofia.

2.1 A FILOSOFIA NO PERÍODO COLONIAL

O nascimento da Filosofia europeia no Brasil se deve ao processo de colonização das terras invadidas, mas especificamente com a necessidade de se estabelecer cursos de formação para futuros religiosos. O ensino é um processo educacional que durante o período colonial, esteve a cargo dos jesuítas, a partir do século XVI (ARANHA, 1999).

O período é marcado por uma educação voltada para a formação religiosa e moral, e a Filosofia estava integrada ao ensino da teologia e das artes liberais. Desde a chegada dos Jesuítas às terras do pau-brasil, a Filosofia tem sua história registrada de entradas e saídas do currículo escolar. Sua permanência ou não está pautada de acordo com a política educacional e as correntes filosóficas vigentes, atreladas às relações de poder político e econômico estabelecidas pelos governantes de cada época e mesmo quando ela é incluída no currículo, é de forma inferiorizada, sem muita importância, de menor valor, resumida. De certa forma, ela é boicotada e, quando incluída pelas leis de obrigatoriedade, o conhecimento filosófico é mantido por imposição legal, não pelo seu real valor intrínseco. Quando a Filosofia passou a ser ensinada no Brasil?

A Filosofia é, neste sentido, introduzida no país pelos jesuítas e passa a ser ensinada a partir de 1572 no Colégio da Bahia. Poucos anos depois (1580), ela era também lecionada no Colégio de Olinda (BITTAR, 2009).

Durante o período da colonização portuguesa, a Filosofia foi fundamental para estabelecer o projeto político-religioso da Igreja Católica contra os reformistas protestantes, com a função importante nos projetos políticos de poder, pois, por meio dela, disseminam-se ideias que interessam aos que dominam e aos que executam funções de mando na sociedade (ARANHA, 1999).

Na virada do século XIX para o século XX, por exemplo, a Filosofia serviu como uma forma de estabelecer a racionalidade positivista, um reflexo que ainda hoje podemos ver nos símbolos nacionais, como a frase "ORDEM E PROGRESSO" estampada no centro da nossa bandeira nacional (PAIM, 2007).

A expulsão dos jesuítas, em 1759, os quais constituíam o núcleo principal da nossa intelectualidade colonial, cindiu de modo violento e abrupto o pensamento nacional. Daí em diante e até a Independência, o interesse maior estará voltado de um lado para a formação meramente científica e, de outro, ao que se supõe em proporções deveras limitadas, pela frustração do empenho modernizador capitaneado por Pombal, para as ideias políticas

trazidas à baila pelas Revoluções Americana e Francesa. A obra iniciada pelos jesuítas não se completou pela implantação de um centro universitário ou assemelhado onde os estudos filosóficos adquirissem a indispensável sistematização (PAIM,2007, p.10).

O período da expulsão dos jesuítas inaugura o chamado período pombalino, em que as aulas régias passam a ser adotadas no Brasil, especialmente na sede da colônia, o Rio de Janeiro.

2.2 PERÍODO POMBALINO

Com as mudanças políticas, tenta-se também mudar os rumos da Filosofia, tendo em vista que as mudanças na Europa influenciaram o mundo ocidental e o Brasil colônia fazia parte do contexto vigente, o chamado Empirismo Mitigado, “corrente filosófica que surge em reação e oposição ao tomismo proliferado pelas companhias jesuíticas” (SANTOS, 2016, p. 11 e 117). Esta corrente tinha como representante Sebastião José de Carvalho e Melo, conhecido como Marquês de Pombal, influenciador do pensamento filosófico no Brasil, na organização das primeiras instituições de ensino superior, chamadas de científica-pombalina.

Porém como a proposta de Marquês de Pombal não satisfazia de forma plena os problemas do pensamento, naquele momento surge o trabalho de superação do Empirismo Mitigado por Silvestre Pinheiro Ferreira que propõe uma ideia de Empirismo, influenciado pela filosofia de Locke e de Aristóteles, porém um Aristóteles reinterpretado numa perspectiva empirista e não mais estritamente metafísica como propagavam os Jesuítas, nesse sentido, seguindo a Marquês de Pombal, Pinheiro Ferreira se move contra a escolástica, e propõe ideias que desenvolve o pensamento no país em termos humanos, filosóficos e políticos, como a própria superação de um liberalismo radical por um politizado (SANTOS, 2016, p. 116 e 117).

A filosofia sai da perspectiva da religiosidade e é tida como ciência natural, com perspectiva pragmática e utilitária, mas atuando no contexto das universidades. Sabe-se que no período pombalino foram instituídas as chamadas “aulas régias”, sistema de disciplinas isoladas por meio do qual se ministram cursos de humanidades. Criou-se igualmente o cargo de diretor de estudos, com que se inicia a formação de órgão oficial destinado a fiscalizar e orientar o ensino. As aulas régias eram de primeiras letras, gramática, latim, grego, retórica e filosofia. (PAIM, 2007, p.35).

2.3 PERÍODO DA DITADURA MILITAR

Ao longo da primeira metade do século XX, a filosofia esteve presente no ensino secundário, sendo excluída no período da ditadura militar (1964-1985), época em que a educação foi fortemente influenciada por ideais tecnicistas, o que foi considerado um retrocesso. O governo militar tenta implantar um projeto de educação alinhado com a política norte-americana, para atender ao desenvolvimento capitalista americano, chamado de MEC USAID¹.

Segundo o ex-deputado Márcio Moreira Alves, crítico do acordo, o MEC/USAID, na verdade, tinha como proposta inicial privatizar as escolas públicas. Matérias como História tiveram sua carga horária reduzida. Também foram retiradas matérias consideradas obsoletas do currículo, como Filosofia, Latim e Educação Política. (CABRAL, 2024, p.26)).

Os acordos MEC-USAID foram implementados no Brasil com a lei 5.540/68. Foram negociados secretamente e só se tornaram públicos em novembro de 1966, após intensa pressão política e popular. Porém, não satisfeitos com a retirada da Filosofia e Educação Política do currículo escolar, foi preciso criar outra alternativa. O governo militar decide criar...

A Educação Moral e Cívica (EMC) tornou-se obrigatória no currículo escolar brasileiro a partir de 1969, de acordo com o Decreto Lei 869/68, juntamente com a disciplina de Organização Social e Política Brasileira (OSPB). Adotadas no início da fase mais repressiva do regime, em substituição às matérias de Filosofia e Sociologia, ficaram caracterizadas pela transmissão da ideologia do regime autoritário ao exaltar o nacionalismo e o civismo dos alunos e privilegiar o ensino de informações factuais em detrimento da reflexão e da análise. Ambas as matérias foram condenadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), estabelecidos pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996, por terem sido impregnadas de um “caráter negativo de doutrinação” (ARANHA, 1999).

¹ Projeto acordado entre Ministério da Educação brasileiro (MEC) e a *United States Agency for International Development* (USAID)

Nesse período, houve um enfraquecimento do ensino humanístico em prol de uma formação mais técnica e profissionalizante, além de projeto ideológico que desse sustentação à política autoritária e repressora do regime do governo militar.

2.4 PERÍODO DEMOCRÁTICO

Com a redemocratização do Brasil e a promulgação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em 1996, a Filosofia começou a ser reintegrada ao currículo escolar. Em 2008, foi sancionada a Lei nº 11.684, que tornou obrigatória a inclusão da Filosofia e da Sociologia No Ensino Médio em todo o país, como disciplinas autônomas. Esse retorno visava fortalecer a formação crítica e cidadã dos estudantes.

O retorno do caráter obrigatório da Filosofia no ensino médio, em 2008, reforçou o conjunto de leis existentes em vários estados, impulsionando seu ensino na educação básica em nosso país. A ANPOF, refletindo um desejo de toda comunidade filosófica brasileira, atuou decisivamente, no âmbito institucional e acadêmico, para que esta vontade se transformasse em realidade. Em 2012, mais de 90% das escolas ofertavam o ensino de Filosofia, realidade que impulsionou o incremento de questões de Filosofia no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), a inclusão da Filosofia no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e, mais recentemente, a criação do Mestrado Profissional em Filosofia (Prof-Filo). Não obstante, programas governamentais, como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e o Residência Pedagógica (RP), foram instituídos nas universidades visando contribuir com a qualificação dos licenciandos em Filosofia (LINDBERG, 2019, p. 01).

O retorno da Filosofia é o resultado de muitas lutas reivindicatórias dos professores e entidades de classes, e o seu ensino escolar estimulou e ainda é parte de muitos debates dentro das Universidades, referente à relevância da filosofia e à democratização desse saber. Com isso, o espaço da filosofia nos currículos ainda tem sido colocado como apêndice da aprendizagem.

A implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)/Ensino Médio em 2018 trouxe novos desafios para o ensino da Filosofia. Embora a Filosofia tenha sido mantida nos documentos oficiais da BNCC, ela passou a ser integrada às áreas de Ciências Humanas e suas Tecnologias, o que gerou preocupações sobre a

diminuição do tempo dedicado a essa disciplina e a sua possível diluição. Os vários debates ajudaram na permanência da Filosofia como parte dos componentes básicos do Ensino Médio e a desempenhar um papel importante na formação crítica e reflexiva dos alunos.

O fato “novo”, que tem provocado a afirmação de que a Filosofia voltou a ser disciplina obrigatória, talvez não tenha o impacto que algumas pessoas esperam. É o mesmo que dizer que a lei mudou para não mudar nada. O texto afirma que: 1) A Filosofia está integrada na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (CHSA); 2) A BNCC deve ser cumprida integralmente ao longo do Ensino Médio (LINDBERG, 2024, p. 01).

Contudo, a carga horária destinada à Filosofia na BNCC reflete uma visão que, apesar de propor um conhecimento mais integral, essa disciplina ainda é tratada como secundária, sem importância. A Filosofia, que é fundamental para dialogar e fundamentar todos os outros campos do saber, acaba sendo negligenciada, possivelmente porque desafia uma educação mecanicista, que prioriza as demandas do mercado em detrimento das necessidades humanas. Esse tratamento reduz a Filosofia a um conhecimento de menor valor, o que é preocupante, considerando sua importância na formação de indivíduos críticos e autônomos.

A trajetória da Filosofia no currículo brasileiro reflete as tensões entre diferentes projetos de educação e sociedade ao longo da história do país. Apesar dos desafios e das oscilações em sua presença no currículo, a Filosofia tem se mantido como uma disciplina essencial para o desenvolvimento do pensamento crítico, ético e cidadão; é um exercício de acesso a questões fundamentais para a existência humana; é um exercício de abertura ao risco, de busca de criatividade, de um pensamento sempre fresco; é um exercício da pergunta e da desconfiança da resposta fácil (GALLO, 2012, p. 45).

Diante do contexto legal e das mudanças recentes previstas na BNCC (Brasil, 2017), que nas entre linhas coloca a educação brasileira a serviço do neoliberalismo, quando focaliza a aprendizagem no empreendedorismo e na área de ciências humanas, relega os estudantes a própria sorte, esse é o tom do novo Ensino Médio, que vem para coroar essa “nova”, “velha” invenção que sustente e assegure o sistema vigente de pé. Isso fica claro quando em seus textos posterga a Filosofia e as Ciências Humanas a contingências, apesar de fazerem parte das disciplinas obrigatórias a partir de 2025, com mudança do novo Ensino Médio de 2024, que ainda não

corresponde às necessidades básicas do conhecimento, entendendo-o como um conhecimento basilar da aprendizagem de todas as séries da grade curricular do Ensino Médio.

A Filosofia na matriz curricular de Alagoas é colocada nas três séries do novo Ensino Médio² com apenas uma aula semanal, mas não apenas isso, é importante que sua carga horária seja de pelo menos duas aulas semanais. Portanto, temos o grande desafio de manter a filosofia como componente curricular, entendendo como sendo de fundamental importância na construção dos saberes pedagógicos e do conhecimento dos estudantes (ALAGOAS, 2023).

Assim sendo, o momento exige que continuemos resistindo à educação engessada e reduzida a forma mecânica proposta pelo neoliberalismo. Educação essa que vem embutida no discurso democrático que se utiliza de alguns termos e conceitos progressistas para disseminar ideias retrógradas e amesquinhadas à condição do sujeito humano no espaço social.

2 A Política Nacional do ensino médio foi estabelecida no dia 31 de julho de 2024 por meio da Lei 14.945/2024, que alterou a Lei 9.394/96 e revogou parcialmente a Lei 13.415/17, que estabelecia a reforma anterior do ensino médio.

3 PROPOSTA DE EMANCIPAÇÃO INTELECTUAL DE RANCIÈRE E AUTONOMIA EM PAULO FREIRE

Nesta terceira seção, a escola e seu contexto educacional foram tomados como campo de pesquisa, ao mesmo tempo em que explicita-se a abordagem teórica de Rancière (2002) sobre a emancipação intelectual e a autonomia dos estudantes na escola e como os mestres os veem.

Observa-se uma estrutura ainda deficitária e uma proposta pedagógica fora da realidade, fora da vida de quem mais interessa, a dos estudantes, os quais são vistos como alguém inferior, um ser sem luz, sem lugar de fala, que precisa de professores para aprender a caminhar, desconsiderando todas as suas potencialidades enquanto sujeito construtor de seu próprio conhecimento e de sua vida e de sua história. Aqui apresentamos os autores que fundamentam a pesquisa e a intervenção.

Tradicionalmente, a Filosofia é apresentada como um referencial histórico, baseado na História da Filosofia. No entanto, essa abordagem muitas vezes não desperta o interesse dos estudantes, pois eles não veem conexão entre esses conteúdos e suas vidas cotidianas. Isso se torna um problema, já que o objetivo dos estudantes no Ensino Médio não é se tornarem filósofos, mas sim concluírem uma etapa de sua formação geral.

A partir dessa observação, somada à fragmentação do conhecimento trazida pela modernidade e pelo surgimento da ciência moderna com suas especializações, percebem-se lacunas significativas no ensino da Filosofia. Essas lacunas geram discussões sobre o verdadeiro papel da Filosofia no Ensino Médio, evidenciando a necessidade de repensar a Filosofia para que ela faça sentido no contexto da escola, alinhando-se às vivências dos estudantes.

A justificativa para essa reformulação é clara: há a necessidade urgente de exercitar uma Filosofia prática e reflexiva que oriente a vida dos estudantes em sociedade. Tal abordagem permitiria que os estudantes se relacionassem de forma significativa com o que estudam, integrando a Filosofia as suas experiências nos espaços coletivos e aos seus projetos de vida. Assim, a Filosofia poderia contribuir para a formação de cidadãos mais éticos, justos e preparados para uma sociedade democrática, como afirma Aristóteles em sua obra *Ética a Nicômaco* (BARBOSA, 2018, p. 02).

[...] a felicidade consiste em uma atividade da alma conforme à virtude. É o bem supremo, que tem um fim em si mesmo, sendo almejado por todos. O que constitui a felicidade são as ações virtuosas, e as atividades viciosas conduzem o contrário. Em *Ética a Nicômaco*, percebe-se que uma atitude virtuosa parte de uma disposição de caráter que se relaciona com a escolha de ações diante das paixões, sendo consistente em uma mediania (meio-termo) que é determinada por um princípio racional próprio do homem dotado de sabedoria prática. A virtude, então, está para a felicidade, assim como a felicidade está para a virtude. Em *A Política*, o filósofo destaca que o lugar mais propício para a efetivação da felicidade é a Cidade, e a maneira mais eficaz de praticá-la é através da consciência ética e da cidadania (BARBOSA, 2018, p. 02).

Portanto, a proposta é desenvolver um projeto pedagógico que sirva de suporte para o exercício e tentativa de libertação dos estudantes, com autonomia e emancipados, das amarras impostas por um sistema dominante, que frequentemente os submete a imposições ideológicas, econômicas e sociais, negando-lhes, muitas vezes, seus direitos fundamentais e constitucionais.

A Filosofia não se encaixa como instrumento de mecanização e opressão via educação. Segundo Freire (2003, p. 108) “temos de superar esta espécie de educação”, referindo-se à educação bancária ou à concepção bancária de educação, é um modelo de educação que tem como base o “depósito” de ideias e conteúdo na mente dos estudantes. Este modelo é caracterizado por uma relação fortemente vertical e unilateral entre professor e estudante, educador e educanda(o), o que impulsiona na busca por uma educação libertadora.

[...] a educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir “conhecimentos” e valores aos educandos, meros pacientes maneira da educação “bancária”, mas um ato cognoscente. O antagonismo entre as duas concepções, uma, a “bancária” [grifos do autor], que serve à dominação; outra, a problematizadora, que serve à libertação, toma corpo exatamente aí. Enquanto a primeira, necessariamente, mantém a contradição educador-educando, a segunda realiza a superação (FREIRE, 2006, p. 78).

A Educação tecnicista é conceituada como uma educação que transmite conteúdo ao estudante, que é o receptor e que o professor é o transmissor, ou ainda, o estudante é o receptor e o professor o depositante de “conhecimento” nos estudantes, que é considerado um ser sem conhecimento, um recipiente vazio que necessita de ser preenchido pelo conhecimento do professor. Logo, é um sujeito sem história, sem “valor”. Ela nasce em 1964 e juridicamente transposto para a sala de aula pela LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) do período do governo militar, promulgada em 1971 (Lei nº 5.692), trouxe mudanças “significativas”

para a educação brasileira, com foco na profissionalização e na organização do ensino de 1º e 2º graus. Essa lei, elaborada durante a ditadura militar, tinha como objetivo principal adequar a educação às necessidades do mercado de trabalho, com forte influência do contexto econômico da época.

Para Freire (2006), essa educação leva o estudante a um falso conhecimento, a não conhecer sua realidade, seu espaço político onde vive. Freire (2003) propõe exatamente o contrário, assim como também percebeu Jacotot na sua prática com a turma de estudantes holandeses que foi intitulada de aventura intelectual.

Para Jacotot, segundo Rancière (2002), tanto o estudante, quanto o professor são iguais em inteligência e que não há diferença quando se trata de aprender, pois o estudante é capaz de aprender sem que o professor lhes imponha seus conhecimentos, lhes dê tutela do aprender. Eles podem aprender livremente. Para Jacotot, esse poder é à vontade, o que para Freire (2003) é a consciência de ser quem é, pois o sujeito é constituído de sua história, é o motor da aprendizagem educacional. Jacotot propõe uma emancipação intelectual e Freire (2006) vai mais além, além da emancipação intelectual, que seja o estudante, também, emancipado politicamente.

É nessa luta diária que perseguimos o ideal freiriano posto – em Pedagogia do Oprimido (FREIRE, 1987), de que todo(a)s já somos sujeitos da própria história, e o ensino de Filosofia tem o papel de elucidar as reflexões filosóficas no âmbito escolar e fora dela. Dessa forma, permite que os estudantes do Ensino Médio sejam sujeitos críticos e leitores de sua realidade, como sugere Giuseppe Ferraro, em A escola dos Sentimentos: da alfabetização das emoções à educação afetiva.

Se o saber da filosofia é o das últimas questões, sobre o sentido do porquê do mundo, sobre a moral, a liberdade, a guerra e a morte, sobre o ser e viver, então é nesses lugares que é necessário falar dela para sentir o que ela tem a dizer. É necessário levá-la aonde a vida é ofendida e a liberdade falta. É necessário levá-la aos limites para ter respostas. É aqui que saber significa tomar posição (FERRERO, 2018, p. 115).

A presença do conhecimento filosófico na escola pretende, nesse sentido, ensinar o “pensar certo” como dizia Freire (2003), ou seja, a filosofar, e dessa forma construir e reconstruir conceitos, conforme também nos afirma por Gallo (2014). Não é trazer soluções e respostas, mas pensar a existência e a experiência. Sendo assim, a Filosofia se propõe a dar complexidade ao óbvio, ao que o estudante conhece mediante a sua existência. Ela deixa de ser um conhecimento apenas abstrato e passa

a ser vivenciada, experimentada em sua vida social, econômica, profissional, emocional, psicológica, etc.

3.1 RANCIÈRE E JACOTOT - do mestre despretensioso à descoberta surpreendente

Jacques Rancière, nasceu na Argélia em 10 de junho de 1940 e é considerado como um filósofo francês. Foi professor da *European Graduate School de Saas-Fee* e professor emérito da Universidade Paris VIII (*Vincennes-Saint-Denis*). Seu trabalho se concentra sobretudo nas áreas de estética e política (PELLEJERO, 2025).

Aluno de Louis Althusser, participou, em 1965, da elaboração de *Lire le Capital* (Ler o Capital), juntamente com Étienne Balibar, Roger Establet, Pierre Macherey, além do próprio Althusser, antes que se rompesse a ligação entre Rancière e seu antigo professor, na *École Normale Supérieure*. Em 1974, Rancière escreve *La Leçon de Althusser*, uma crítica à abordagem althusseriana do marxismo e, ao mesmo tempo, um testemunho sobre as condições do Partido Comunista e da Universidade, na França pós 1968. No final dos anos 1970, Rancière organiza, com outros jovens intelectuais, como Arlette Farge e Geneviève Fraisse, o coletivo *Révoltes Logiques* que, sob a inspiração do poeta Rimbaud, questiona as representações tradicionais do social e publica a revista *Les Révoltes logiques* (PELLEJERO, 2025).

Paralelamente, ele volta sua atenção para a emancipação operária e os utopistas do século XIX (notadamente Étienne Cabet), com uma reflexão filosófica sobre educação e política. Desse trabalho nasceu sua tese de doutorado, publicada em 1981, sob o título "*La Nuit des prolétaires: Archives du rêve ouvrier*" (A noite dos proletários: arquivos do sonho operário), sobre os operários *saint-simonianos*.

Um pouco mais tarde, em *Le Philosophe plébéien* (O filósofo plebeu), ele reúne escritos inéditos de Louis Gabriel Gauny (1806 - 1889), um operário filósofo. Em meados dos anos 1980, Rancière se interessou por outro personagem pouco convencional: Joseph Jacotot, que, no começo do século XIX, questionou radicalmente os fundamentos da pedagogia tradicional.

Jacotot coloca em causa os fundamentos da pedagogia tradicional em princípios do século XIX, deslocando intempestivamente o problema da educação, situando-o sobre o horizonte da emancipação: "Jacotot não via que tipo de liberdade podia seguir-se para o povo dos deveres dos seus instrutores. Sentia nisto, pelo contrário, uma nova forma de embrutecimento. Quem ensina sem emancipar, embrutece. E quem

emancipa não se preocupa com o que o emancipado deve aprender. Aprenderá o que queira, quiçá nada (PELLEJERO, 2025, p. 22).

Esse estudo resultará em uma biografia filosófica, *Le Maître ignorant* (O mestre ignorante), na qual coloca o postulado da igualdade das inteligências e relaciona emancipação operária e emancipação intelectual. Em seguida, Rancière se interessa pela ambiguidade do estatuto do discurso histórico, em *Les Mots de l'histoire* (As palavras da história). No fim desse período, Rancière, que é também cinéfilo e próximo aos *Cahiers du cinéma*, iria explorar as ligações entre estética e política. *Courts voyages au pays du peuple* (Viagens curtas ao país do povo), sob a forma de três novelas filosóficas, é a sua primeira obra sobre as relações entre as imagens e os saberes, a utopia e o real, a literatura e a política.

3.2 JEAN-JOSEPH JACOTOT

Joseph (ou Jean-Joseph) Jacotot (1770 – 1840) é um personagem descrito como um professor francês e filósofo educacional, criador do método da “emancipação intelectual”, que estudou na universidade de Dijon. Foi professor de latim, estudou direito e tornou-se advogado. Ao longo da sua vida dá uma grande atenção à matemática (RANCIÈRE, 2002).

Em 1788, na sequência da atividade revolucionária na França organizou a “Federação da Juventude de Dijon” para a defesa dos princípios da Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Em 1792, como capitão, participa nas campanhas da Bélgica, onde se distingue pela sua bravura (RANCIÈRRE, 2002).

Em 1794 tornou-se deputado e diretor da École Polytechnique. Após a fundação das escolas centrais em Dijon, ele foi nomeado para a cadeira do “método” ou instrução de ciências. Lá, ele fez suas primeiras experiências em seu método “de emancipação intelectual”. Quando as escolas centrais foram substituídas por outras instituições educacionais, Jacotot ocupou as cadeiras de matemática e de direito romano (RANCIÈRE, 2002).

Em 1815 foi eleito representante na Câmara dos Deputados, mas depois da Segunda Restauração acabou por se exilar em Bruxelas. Foi professor de língua francesa na universidade de Louvain, tendo publicado vários trabalhos sobre a sistematização do seu método de ensino.

O Método de emancipação intelectual ou panecástico (francês: *panécastique*, “tudo em cada um”, do grego *πᾶν* e *ἔκαστον*) não foi apenas adotado em várias instituições na Bélgica, mas também obteve alguma aprovação na França, Inglaterra, Alemanha e Rússia. Foi baseado em três princípios: todos os homens têm inteligência igual; todo homem recebeu de Deus a faculdade de se instruir; tudo está em tudo (RANCIÈRE, 2002).

Com relação ao primeiro princípio, ele sustentou que é apenas na vontade de usar sua inteligência que os homens diferem. Seu próprio processo, dependendo do terceiro princípio, era dar ao aluno que estava aprendendo uma língua pela primeira vez uma pequena passagem de algumas linhas e encorajá-lo a estudar primeiro as palavras, depois as letras, depois a gramática e, por fim, o significado, até que um único parágrafo se tornou a ocasião para aprender uma literatura inteira.

Um livro que ele frequentemente usava como fonte de material para aprendizagem foi *Les Aventures de Télémaque*. Após a revolução de 1830, Jacotot retornou à França e morreu em Paris em 30 de julho de 1840. Jacotot descreveu seu sistema em *Enseignement universel* (educação universal), *langue maternelle* (Louvain e Dijon, 1823) – que passou por várias edições – e em várias outras obras, e também defendeu suas opiniões no *Journal de l'émancipation intellectuelle* e em outros lugares (RANCIÈRE, 2002).

Rancière fala com as palavras de um pedagogo do século XVIII, parafraseando-as, recolocando-as em cena. Procura intervir assim, contudo, no debate intelectual contemporâneo, servindo-se desse léxico e dessa retórica para inscrevê-lo numa perspectiva mais antiga, na qual muitos dos problemas em jogo são trans valorados. Cada vez mais se explicam os funcionamentos sociais e estatais desigualitários em termos homólogos aos da instituição escolar: os governos apresentam-se como os únicos capazes, como os único que conseguem ver mais longe, ter uma visão dos interesses gerais; o governo mundial dos poderosos apresenta-se como o governo de aqueles que sabem, que compreendem, que preveem, sobre os que são incapazes de viver de outra forma, na sua rotina «arcaica», ou de acordo como interesses «limitados»(PELLEJERO, 2025, p. 23)..

A forma como Jacotot se colocou na sala de aula, em pleno século XVIII, faz dele um homem muito à frente do seu tempo. Revolucionário, inquieto, sonhador, um professor curioso, desprevensioso, mas observador e atento ao que acontece no seu entorno. É sem essa pretensão que se descobre o novo método de pensar a aprendizagem, o ensino e o papel do professor nesse processo de construção do conhecimento. Com toda a esperteza do já conhecido e sempre conectado à

experiência³, percebe que não se pode transmitir conhecimento, dar conhecimento, a pessoa simplesmente aprende só, mas conhece junto, a partir de sua vontade, de seu querer conhecer. Jacotot percebe também a falta de conhecimento do professor sobre como ele mesmo ensina, essa falta de não saber como se ensina embrutece o mestre.

O professor se mune do conhecimento que tem e desconhece o que o outro conhece, e é capaz de conhecer. De certa forma, usa, sem muitas vezes se dar conta, e em outras faz uso proposital como arma de poder, de imposição no processo de aprendizagem, para pedir respeito. É uma forma cruel de poder para “ameaçar” o estudante, caso ele não se comporte, não seja obediente. O sistema educacional também “obriga” o professor a seguir regras e normas que o coloca nessa posição, na posição de contador do conhecimento do estudante, quando o avalia (RANCIÈRE< 2002).

Jacotot faz o inverso, busca libertar o(a) estudante dessas amarras intelectuais e defende a sua emancipação intelectual, o que demonstra ser mais coerente e respeitoso com a maneira de aprender e ensinar. Ele também não tinha pretensão de pesquisar ou formular teoria, mas com a experimentação que estava acontecendo, ele coloca todo o empenho e vontade nas mãos do(a)s estudantes, e, ao ver o resultado, se surpreende com o que tinha acontecido, com o que tinha feito. Foi muito mais do que ele esperava. Os estudantes tinham aprendido sem que o professor “lhes” transmitisse” o conhecimento. É quando ele percebe que intelectualmente todos e todas são iguais em capacidade de aprender. Para Rancière,

A revelação que acometeu Joseph Jacotot se relaciona ao seguinte; é preciso inverter a lógica do sistema explicador. A explicação não é necessária para socorrer uma incapacidade de compreender. É, ao contrário, essa *incapacidade*, ficção estruturante da concepção explicadora de mundo. É o explicador que tem necessidade do incapaz, e não o contrário, é ele que constitui o incapaz como tal. Explicar alguma coisa a alguém, é antes de mais nada, demonstrar-lhe que não pode comprehendê-la por si só. Antes de ser um ato do pedagogo, a explicação é o mito da pedagogia, a parábola de um mundo dividido em espíritos sábios e espíritos ignorantes, espíritos maduros e imaturos, capazes e incapazes, inteligentes e bobos (RANCIÈRE, 2002, p.23).

Assim, Rancière e Jacotot defendem uma pedagogia autônoma, que reconheça a capacidade de aprender sem que lhes imponha conhecimentos que não

³ Experiência no sentido do conceito de Larrosa. Que está sempre acontecendo e não o que aconteceu no passado.

são construídos pelo próprio sujeito, demonstrado no livro: O Mestre Ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual.

Pedagogia muito próxima é defendida posteriormente com mais complexidade e amplitude pelo Filósofo Paulo Freire, em seu livro, Pedagogia da Autonomia (FREIRE, 2008). Se, por um lado, Rancière defende, através de Jacotot, uma política pedagógica que instaure a emancipação dos sujeitos no processo ensino e aprendizagem, Freire atribuirá a essa dimensão pedagógica, o que chama de autonomia dos sujeitos envolvidos no processo, professores e estudantes.

3.3 PAULO FREIRE E A PEDAGOGIA DA AUTONOMIA

Paulo Reglus Neves Freire foi um educador e filósofo brasileiro. É considerado um dos pensadores mais notáveis na história da pedagogia mundial, tendo influenciado o movimento chamado pedagogia crítica. É também o Patrono da Educação Brasileira. Nascido em 19 de setembro de 1921, Recife, Pernambuco, faleceu em 2 de maio de 1997, São Paulo, São Paulo. Influenciou bell hooks, Henry Giroux, Peter McLaren, Shirley R. Steinberg, Joe L. Kincheloe e foi influenciado por Karl Marx, Ivan Illich, Mao Tsé-Tung, entre outros (PINHEIRO, 2024).

Depois de formado em Direito, não atuou na área e continuou lecionando português no Colégio Oswaldo Cruz e Filosofia da Educação na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Pernambuco. Freire (2003, p. 30) nos diz: “Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”. Ele se refere especialmente aos saberes dos trabalhadores, da classe popular. Se o professor tem essa postura, segundo ele, isto é pensar certo. O pensar certo é perceber que o outro também traz consigo o conhecimento histórico da sua própria existência. Ele defende ainda que no processo de aprendizagem sejam aproveitados os saberes trazidos pelo(a)s estudantes e que, portanto, aprender a partir da realidade vivenciada por eles os faz pessoas críticas.

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações e ideologias de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? A ética de classe embutida neste descaso? Porque, dirá um educador reaccionariamente pragmático, a escola não tem nada que ver com isso. A escola não é partido.

Ela tem que ensinar os conteúdos, transferi-los aos alunos. Aprendidos, estes operam por si mesmos (FREIRE, 2003, p. 30).

É neste sentido que Freire afirma que ensinar exige criticidade, rigorosidade metódica, exige ética e estética. É nessa perspectiva que tanto Freire quanto Rancière caminham para o entendimento de como a educação precisa refazer seus passos. A concordância entre eles sobre os métodos de aprendizagem se confluí. Ambos apontam para uma aprendizagem baseada no respeito ao conhecimento de cada pessoa, à igualdade de oportunidade de aprender – ensinar – aprender, a história já vivida, a cultura construída. Ou seja, o respeito à autonomia de cada pessoa.

3.3.1 O que significa pensar a autonomia do estudante?

Pensar os estudantes no seu habitat escolar é de fundamental importância no que diz respeito aos seus desejos, anseios, sonhos e projetos de futuro, seja na vida pessoal, profissional, na sua carreira, e/ou na sua humanidade. O que eles precisam aprender? Como aprender? Como conhecer o desconhecido? Como desvendar o que não conhece? Para encontrar respostas para essas questões, fomos buscar em Racierie (2022) uma experiência do...

[...] “projeto político e educacional da Filosofia Panecástic, a desenvolvida por Joseph Jacotot (1770-1840), fundamentado na máxima ‘tudo está em tudo’, para tratar da emancipação intelectual, em contraposição à onipresença do poder e do olhar vigilante do mestre sobre o aluno do PanoptismoAlbuquerque, S. L. de, & Kohan, W. O. (2023). Joseph Jacotot no Brasil. *Revista Brasileira De História Da Educação*, 23(1), e281.

Nesta experiência, o autor relata a surpreendente maneira de o estudante aprender, mesmo que o professor não conheça totalmente aquilo que mais interessa ao estudante aprender. Portanto, a melhor maneira de o estudante aprender é pesquisando, observando, dialogando, buscando compreender por si só o que quer e lhes interessa.

Não precisa que o(a) professor(a) lhes diga o que aprender, como aprender. Os estudantes encontram sua maneira de fazer, como fazer, sem precisar que alguém lhes diga. Jacotot diz, segundo Rancière:

É preciso inverter a lógica do sistema explicador. A explicação não é necessária para socorrer uma incapacidade de compreender. É o contrário, essa *incapacidade*, a ficção estruturante da concepção explicadora de mundo. É o explicador que tem necessidade do incapaz, e não o contrário, é ele que constitui o incapaz como tal. Explicar alguma coisa a alguém é, antes de mais nada, demonstrar-lhe que não pode compreender por si só (RANCIÈRE, 2002, p. 19 e 20).

A Filosofia Panecástica, desenvolvida por Jean-Joseph Jacotot, defendia uma metodologia de ensino voltada para a emancipação intelectual e liberdade profissional. Para isto, é preciso reconhecer a igualdade de inteligência, tanto do professor (considerado superior) quanto do estudante (considerado inferior), que não há diferença entre elas, mas sim, o que ignoramos das suas igualdades.

Não há performances pedagógicas especiais a serem esperadas de um jardineiro emancipado, ou de um mestre ignorante em geral. O que pode essencialmente, um emancipado é ser emancipador: fornecer, não a chave do saber, mas a consciência daquilo que pode uma inteligência, quando ela se considera como igual a qualquer outra como igual a sua. A emancipação é a consciência dessa igualdade, dessa reciprocidade que, somente ela permite que a inteligência se atualize pela verificação. O que embrutece o povo não pela falta de instrução, mas a crença na inferioridade de sua inteligência" (RANCIÈRE, 2002, p. 64).

Quem melhor para responder o que aprender do que os próprios estudantes? Ninguém melhor para dizer o que fazermos e como fazermos do que os principais interessados na aprendizagem, os estudantes, pois são eles os protagonistas das suas histórias, como protagoniza a BNCC no último parágrafo da sua introdução: "a superação da fragmentação radicalmente disciplinar do conhecimento, o estímulo à sua aplicação na vida real, a importância do contexto para dar sentido ao que se aprende e o protagonismo do estudante em sua aprendizagem e na construção de seu projeto de vida" (BRASIL, 2018, p. 15).

Pensar o estudante como um ser de condições iguais, altivo, um ser emancipado na sua inteligência. Para o estudante aprender não precisa de um tutor que lhe diga o quê e como aprender. Ele necessita de encorajamento, de incentivo, pois tem inteligência e capacidade de encontrar seu caminho para conhecer. "O pensamento não é um atributo da substância pensante, mas um atributo da humanidade" (RANCIÈRE, 2002, p. 60).

Perceber o que é necessário valorizar nesses espaços escolares e como saber o que importa para esses jovens estudantes são preocupações constantes. Buscar respostas, perguntar, pesquisar, já nos dará uma dimensão de como organizar a escola, de como receber esses estudantes, pois eles chegam ao ambiente escolar cheios de ideias, munidos de ideais de vida, de alegrias e energias e outros nem tanto assim, mas chegam na escola por algum motivo. Mesmo que alguns cheguem já frustrados, desanimados e revoltos com raiva do mundo, outros chegam com

expectativas muito grandes, sonhos e desejos. São muitas as diversidades de sentimentos, angústias e expectativas. O mais importante disso tudo é que eles chegaram no espaço escolar. Se chegaram até aqui, é porque querem chegar a algum lugar que ainda não alcançaram, mas que pretendem alcançar. Eles(a) querem ser ouvidos, valorizados(as), querem falar, dizer quem são e o que querem ser.

No filme *Nunca me sonharam* (2017), jovens de escolas públicas do Ensino Médio, descortinam a realidade vivida pela juventude nas escolas brasileiras e de como ainda não levamos em consideração as suas falas e as vozes desse(a)s jovens. É bem fácil entender o que é anunciado, reivindicado.

É emocionante ouvir o que ele(a) tem a dizer. São coisas simples, bonitas e de uma verdade impressionante. Ao mesmo tempo denuncia a falta de compromisso de políticas públicas para a juventude, o filme retrata as angústias, queixas, frustrações, sonhos e expectativas sobre a escola e a vida. São ele(a)s falando o que a escola tem oferecido e o que poderia oferecer à juventude que a frequenta. Querem ser o seu mundo, sua verdade, eles querem expressar seus sentimentos, querem ser confiados, querem ter confiança.

Querem ser eles mesmos. Eles não chegam na escola sabendo nada e nem sabendo tudo. Como já dizia o mestre Freire (2003, p. 16) “Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre”. Ou seja, eles chegam à escola com a leitura de mundo, o mundo no qual estão inseridos, pois vêm imbuídos de informações, das vivências culturais, sociais, econômicas, religiosas ou não religiosas, de preconceitos, racismo estrutural, machismo, ou seja, já chegam na escola com um mundo na cabeça, com suas qualidades e defeitos, conceitos e preconceitos cristalizados, absolutistas, mas também abertos a novos conhecimentos.

São estudantes experimentando o dia a dia, simultaneamente, e compartilhando uns com os outros daquilo que mais importa para eles, a sua identidade, seus medos, seus desejos, sua autonomia. Buscam identificação, pertencimento e autoafirmação enquanto SER.

Além de todas essas questões, eles ainda têm que lidar com um problema sério, evidenciado depois da COVID-19, a depressão e as crises de ansiedades, o ódio, abusos de várias naturezas, várias formas de violências, e, mesmo assim, buscam superar a partir da escola, do conhecimento, do apoio de outros estudantes, amigos professores, da gestão. Esses jovens sentem necessidade de ser escutados,

de se expressar, de criar. É neste sentido que a autonomia da juventude é fundamental, para se desenvolver com o mínimo de saúde mental e emocional, pois a educação preconiza, mediante seus documentos, como a BNCC e os referenciais curriculares do Estado, que a educação deve ser integral, sendo assim, fica clara a exigência da liberdade para a construção da sua aprendizagem. Como expressa a jovem, Mel Duarte (2017) em sua poesia Sarau debaixo do Viaduto, pois a juventude tem uma capacidade incrível de dizer, falar, criar, expressar seus sentimentos onde estiver, seja na escola, na rua, em casa, na praia ou embaixo do viaduto, como o poema diz:

Pensamentos, distrações
 O que te deia inquieto?
 Boletos, prestações?
 Lembrar de correr pelo certo?
 Nesse mundo somos milhões
 Seres dispersos
 Amores, tentações
 Deixar-se levar pelos momentos.

Acalente corações
 Aqueça os que estão por perto
 Pois para uns o que vale são cífrões
 Cédulas te deixam mais espero?
 Já eu, prefiro outras multidões
 Palavras, solfejos, verbos.
 São muitas as religiões!
 E dos paradigmas me liberto.

Acredito no poder das nações...
 Se lutarem por um só sentimento,
 Pois o medo assola populações
 E a justiça tem os olhos semi-abertos

Não guarde ingratidões,
 Isso machuca o peito.
 Já se passaram tantas gerações
 E o futuro sempre será incerto.
 Só não perca o foco de suas missões,
 Corra atrás do seu sustento.
 E tente equilibrar as emoções,
 Pois elas, por vezes, lhe tirarão do centro.

A vida é feita de lições,
 Aquieta a alma e aprenda com o tempo.
 E então verá que suas preocupações,
 Se dissiparão,
 com o vento... (DUARTE, 2017, n.p.)

Contudo, tenho a impressão que essa liberdade de criar acontece com mais fluidez nas ruas, fora dos muros das escolas, dos olhares julgadores, das repressões e aprovações! Por que será que, mesmo sendo um lugar mais inseguro, os jovens se sentem mais livres, mais ousados, mais criativos? São questões que trago para reflexões, pois para eles(as) tudo está acontecendo, no tempo e no espaço, experimentando, buscando, observando, ousando, criando, recriando. Eles(as) querem saber: o que é? Como é? Para que é? Os jovens estudantes são questionados, perguntados, curiosos, o que os leva à inquietude, à angústia do conhecer e à descoberta de que ele pode ser autor da sua aprendizagem, do seu saber.

“Não há aprendizagem por osmose”, o conhecimento é atributo da humanidade do SER. Eles querem “aparecer”, ter visibilidade, ser os protagonistas dos seus aprendizados, dos seus conhecimentos. Os jovens estudantes são potenciais de saber. Suas inteligências são iguais, ou seja, tanto do(a) estudante, quanto a do professor(a) têm a mesma potencialidade. Esse reconhecimento é o que os tornará emancipado dos tutores (RANCIÈRE, 2002).

Na perspectiva de Jacotot, o mestre pode ensinar o que não conhece e dá como exemplo a língua materna, desde que pesquise, observe, busque conhecer o desconhecido. Outro exemplo ilustrativo para essa forma de conhecer é a floresta. Sabemos a entrada, mas para chegar e conhecer o final, é preciso adentrar à floresta, observando, mapeando, até chegar do outro lado. Portanto, “pode-se ensinar o que se ignora, desde que se emancipe o aluno: isso é, que se force o aluno a usar sua própria inteligência” (RANCIÈRE, 2002, p. 34).

O jovem está em processo de afirmação de identidade, humanidade, liberdade, encontrar seu lugar no mundo, e a escola é o espaço onde ele passa a maior parte da sua vida no período escolar, é o momento também de viver, de experienciar sua autonomia.

É o reconhecimento de ser um SER inconcluso, inacabado e em construção que nos torna seres conscientes de conduta ética. É o respeito à autonomia e à dignidade dos estudantes que nos faz ser éticos. “Saber que devo respeito à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber”. Isto quer dizer que temos que prestar atenção nessa juventude e zelar pelo respeito a ela. “Ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando” (FREIRE, 1996, p. 59).

Neste sentido, procuramos entender como os estudantes compartilham dessa autonomia no espaço escolar e como eles se veem nesse contexto. Ao chegar à escola, os estudantes falam, riem, conversam, brincam, observam, aguçam a curiosidade; outros chegam mais introspectivos, calados, mas, na cabeça há muitas perguntas, muitos questionamentos, inclusive sobre o que eles estão fazendo ali.

A fase dos estudantes do Ensino Médio é um momento muito importante para eles. É um momento de afirmações, de definições políticas, grupos sociais, gênero e identificação pessoal. É o momento de muitas dúvidas e reorganização das ideias, dos conceitos já cristalizados. As contradições e a luta interna estão em ebulação. São conhecimentos, conceitos que contribuem na formação do SER, na transição da adolescência à juventude. É quando ele pensa em liberdade, autonomia, independência. E o que acontece quando ele chega no espaço escolar cheio de regras, padrões, normas, etc.?

Questões como essas que estão colocadas no âmbito educacional exigem reflexões e respostas dos que fazem a educação.

Para a nossa discussão, traremos aqui as contribuições de Rancière, Freire e Larrosa. São autores que, mesmo tendo compreensões quase que antagônicas, nos ajudarão a compreender o que há em comum, a preocupação de qual é a melhor forma de pensar o conhecimento.

Freire (1987) se preocupa em entender como o ser humano conhece e o que é necessário a este conhecimento, em fazer a pessoa se enxergar na sua história, se dar conta no mundo. Ele coloca o SER como um ser histórico, e que se reconhece presença no mundo, com o mundo e com o outro. Ele reconhece também a singularidade do ser, mas que é na presença do outro que não é eu, que reconheço a mim mesmo. Então, para dar-me conta de quem sou, preciso saber quem o outro também é.

É nesse reconhecer-me no mundo e na presença do mundo e do outro que tenho consciência de quem sou e com isto, a responsabilidade de intervir, de transformar, de constatar, comparar, avaliar, valorar, de tomar decisões, de avaliar e etc., com o conhecer que Freire nos aponta em sua Pedagogia da Autonomia, o pensar certo, o pensar errado.

Para Freire (2003), pensar certo é um pensamento emancipador, libertário. Ou seja, pensar com autonomia, consciente de si mesmo e da sua história, da sua condição social, cultural, política e econômica e a partir dessa condição mudar sua

forma de pensar, sentir e agir em prol das mudanças necessárias da sua história de submissão, de inferioridade, de analfabetismo político e de alienação. É quando o SER emerge de uma condição para outra.

Pensar errado é quando o SER não se vê pertencente ao lugar de igualdade de direitos, de condição igualitária na sua humanidade, na sua condição de cidadão e cidadã. Ou seja, se vê sempre inferior à classe dominante, quando deseja estar no lugar do seu opressor, para se tornar um deles. Não se vê como um cidadão que pode mudar sua história a partir do conhecimento da sua condição de classe oprimida e reprimida.

Neste sentido, aprender é muito mais do que decifrar código. É saber, entender o que acontece na sociedade na qual se está inserido e ter o poder de intervir para que aconteçam mudanças, inclusive na forma de aprender, de conhecer, de interagir e se situar no espaço e no tempo. É neste contexto que Freire (2003) e Rancière (2002) comungam de uma mesma ideia: a ideia de como ensinar e aprender.

Quando Rancière (2002) argumenta que eu posso ensinar o que ignoro, ele está afirmando que, se o professor entender o que o estudante tem interesse em aprender, ele o orienta para que encontre o caminho de aprender. O estudante precisa de alguma forma de ser ensinado, que não seja o que o professor entende daquele assunto, para que não interfira no entendimento do aluno, mas precisa situar o caminho de como o estudante comece a sua busca, seu entender daquilo que ele quer aprender. O método utilizado é: “observando e retendo, repetindo e verificando, associando o que buscava aprender aquilo que já conheciam, fazendo e refletindo sobre o que havia feito” (RANCIÈRE, 2002, p. 28).

É buscar o que não conhece, partindo que sabe o início, mas não conhece onde vai chegar, a exemplo de uma floresta na qual iremos adentrar. Sabemos a entrada, o início, mas não conhecemos o final. É explorando que iremos descobrir, conhecer. É assim a forma de aprender sem precisar do professor explicador. Para Rancière (2002), não é o professor que vai dizer ao estudante o que ele tem que aprender, mas a necessidade que o estudante quer aprender.

Essa orientação é inversa ao que temos hoje. Na escola já chega tudo pronto e determinado o que tem que ser ensinado e o que tem que ser aprendido, independente do que o estudante quer aprender. Rancière chama esse método de “o velho”, ou seja, que não dá ao estudante a liberdade, a autonomia de conhecer a partir

da sua inteligência, a partir dele próprio. O professor precisa ir além, ser o mestre, emancipado.

Mestre é aquele que encerra uma inteligência em círculo arbitrário que não poderá sair se não se tornar útil a si mesma. Para emancipar um ignorante, é preciso e suficiente que sejamos, nós mesmos, emancipados; isto é, consciente do verdadeiro poder do espírito humano (RANCIÈRE, 2002 p. 34.).

O professor que não é emancipado também não tem como ter um estudante emancipado. Esse professor é, para o entendimento de Rancière, um Mestre ignorante. Essa ignorância é o que o torna embrutecido. É essa relação entre o mestre ignorante, embrutecido que impossibilita uma emancipação intelectual, tanto do professor, quanto do estudante. Desde que ele reconheça que as inteligências de ambos são iguais, que nem uma e nem outra é superior ou inferior, mas, de condições iguais, pois para um(a) jovem ser emancipado(a), não necessita de um professor(a) dizendo o que é, ensinando o que é. Para aprender com liberdade, autonomia, é preciso que o que estão aprendendo faça sentido, faça-se ser entendido, compreendido.

3.3.2 A autonomia na concepção freiriana

Para Freire (2003), o conhecimento autônomo se dá pelo conhecer a si mesmo, conhecer sua história e a condição à qual está submetido. O conhecer libertador é aquele que permite ao(à) estudante analisar, intervir e compreender a realidade, a sociedade, ter posicionamento político e social com consciência de classe à qual pertence e poder mudar sua realidade, social, econômica, cultural e política. Já para quem se preocupa apenas ensinar o que já vem determinado pelos livros, mantendo o *status quo*, no qual o/a estudante absorve o que lhe dizem, o que lhes ensinam.

Freire (2003) dá o nome de educação bancária, na qual o/a estudante recebe a informação, memoriza e repete o que foi dado. O/a estudante é tido como um SER de inteligência inferior. Ou seja, acontece uma repetição de conteúdo que já chega pronto para ele, padronizado e com regras claras e objetivas. É uma educação sistematizada para atender à determinada demanda social, econômica e cultural. O conhecimento que exige essa metodologia torna-se um produto de imenso valor. Além

de produzir um conhecimento tecnicista e estático, torna-se ele mesmo um produto que serve de manipulação e provoca desigualdades entre os entes sociais, e também de instrumento ideológico de dominação de uma sociedade. Não obstante, provoca a inércia que deixa “os indivíduos absolutamente seguros de suas certezas, ávidos de reconhecimentos e bajuladores. Homens e mulheres incapazes de uma atitude de indignação, de espanto, de dúvida...” (MATOS,2021.p.57)

Outro perigo dessa orientação educacional é o autoritarismo embutido nas normas e diretrizes das instituições educacionais e repetido no âmbito educacional cotidianamente, sem que seus agentes nem percebam que o fazem. É preciso, segundo Freire, recusar essa prática “bancária” de ensinar e superar o autoritarismo e o erro epistemológico do “bancarismo”.

O necessário é que subordinado, em que pese a prática “bancária”, o educando mantenha vivo em si o gosto da rebeldia que, aguçando sua curiosidade e estimulando sua capacidade de arriscar-se, de aventurar-se, de certa forma o “imuniza” contra o poder apassivador do “bancarismo”. Neste caso, é a força criadora do aprender de que fazem parte a comparação, repetição, a constatação, a dúvida rebelde, a curiosidade não facilmente satisfeita, que supera os efeitos negativos do falso ensinar.

4 ENSINO DE FILOSOFIA DA ESCOLA ESTADUAL FRANCISCO LEAO PROCESSO DA PESQUISA E A AUTONOMIA E EMANCIPAÇÃO INTELECTUAL NA SALA DE AULA

Este capítulo tem como objetivo apresentar e analisar o projeto de intervenção pedagógica desenvolvido com discentes da Escola Estadual Francisco Leão, na cidade de Rio Largo-AL, cujo foco foi promover a autonomia e a emancipação intelectual por meio do ensino de Filosofia. A intervenção foi baseada em dois conceitos fundamentais para práticas educacionais transformadoras: a autonomia, conforme proposto por Freire (1987), e a emancipação intelectual, segundo a perspectiva de Rancière (2002). Esses conceitos, ao serem trabalhados em sala de aula, visam fortalecer o pensamento crítico e a participação ativa dos estudantes no processo de aprendizagem.

A fundamentação teórica da intervenção foi orientada pelas reflexões de Freire (1987; 2003) e Rancière, que oferecem caminhos convergentes para a construção de uma educação libertadora e participativa. Ao abordar o pensamento de Freire (1987; 2003), o foco foi sua concepção de educação como um processo dialógico, que deve possibilitar aos alunos desenvolver a capacidade de pensar criticamente, agir de maneira autônoma e exercer um papel ativo em suas comunidades. Neste contexto, o conceito de autonomia foi aplicado ao ensino de Filosofia, com o intuito de incentivar os estudantes a questionarem normas estabelecidas e refletirem sobre suas realidades sociais.

Já a abordagem de Rancière (2002) destacou sua visão sobre a emancipação intelectual, que parte da premissa de que todos os indivíduos possuem a capacidade de aprender e ensinar a si mesmos. Rancière (2002) desafia as hierarquias tradicionais do ensino ao propor que a verdadeira educação seja aquela que liberta os estudantes da dependência intelectual, promovendo a igualdade no aprendizado. No âmbito da intervenção, essa perspectiva foi integrada ao ensino de Filosofia, favorecendo práticas pedagógicas que valorizam o protagonismo dos alunos na construção do conhecimento.

Por fim, este capítulo explora a relação entre os conceitos de autonomia e emancipação intelectual, mostrando como ambos se complementam na criação de uma prática educativa voltada para a formação de estudantes críticos e autônomos. A intervenção buscou, portanto, não apenas estimular o desenvolvimento cognitivo

dos alunos, mas também promover a construção de uma consciência crítica e emancipadora, capaz de transformar sua relação com o conhecimento e com o mundo.

4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E ORGANIZACIONAL DA ESCOLA ESTADUAL FRANCISCO LEÃO

A pesquisa foi realizada em uma das mais antigas e tradicionais escolas de Rio Largo, Alagoas, reconhecida por seu compromisso com a educação integral de qualidade. Apesar das limitações estruturais que ainda afetam a qualidade do ensino, da aprendizagem e as condições de trabalho, a Escola Francisco Leão se destaca entre as melhores da 12ª Gerência Especial de Educação (GEE), com um Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) de 4,2, ocupando o 3º lugar no ranking de desempenho da 12ª GEE. Em 2023, a escola alcançou esse índice, muito próximo da média nacional de 4,3, superando a meta estipulada para Alagoas pelo Ministério da Educação (MEC), que era de 3,9. O estado ocupa o 15º lugar no ranking nacional do Ideb e o 4º no Nordeste.

A Escola Estadual Francisco Leão, uma instituição de grande relevância histórica no município de Rio Largo, Alagoas, foi fundada em 12 de outubro de 1937 pelo então governador Osman Loureiro, e se consolidou como um marco educacional na região, contribuindo significativamente para a formação de inúmeras gerações. Localizada originalmente no centro da cidade, na Praça Teixeira Bastos, próxima ao rio Mundaú, a escola desempenhou um papel crucial na educação dos filhos ilustres da terra até o ano de 2014. Por questões das enchentes do rio Mundaú e das inundações de todos os imóveis ribeirinhos, foi alocada na parte alta da cidade, no Conjunto Residencial Barnabé Oiticica.

Nomeada em homenagem a Francisco de Amorim Leão, um respeitado industrial alagoano, conhecido por sua simplicidade e importantes contribuições ao desenvolvimento do estado, a escola carrega consigo uma rica herança de inovação e compromisso social. Francisco Leão, carinhosamente chamado de “Chicão”, foi um pioneiro em diversas iniciativas, como a introdução dos primeiros telefones e bondes movidos a eletricidade em Alagoas.

É nesse ambiente de tradição e transformação que a pesquisa se desenvolveu, buscando promover um projeto educacional voltado para o fortalecimento da autonomia e da emancipação intelectual dos estudantes, inspirado nos conceitos de Jacques Rancière e Paulo Freire.

A intervenção propõe não apenas o aprofundamento dos conceitos filosóficos, como também a aplicação prática desses conhecimentos mediante a produção de uma revista em quadrinhos, referenciada na temática da disciplina diversificada de aprofundamento da Trilha: Identidade e Cultural, com objetivo de mobilizar a(o)s estudantes para que fosse vivenciada a proposta da emancipação intelectual e autonomia dos estudantes na sala de aula, do segundo ano do Ensino Médio, na Escola Estadual Francisco Leão.

A experiência de escola de Tempo Integral passa a ser a primeira oportunidade na Escola Estadual Francisco Leão, o que exigeu realizar uma observação detalhada do funcionamento da escola para apropriação dos documentos que regem o Plano de Ação da Escola Integral - (pAlei), Programa Alagoano de Ensino Integral (pALEi), instituído pelo Decreto nº 40.207 de 20 de abril de 2015 e reestruturado pelo Decreto nº 50.331 de 12 de setembro de 2016. Conforme encontrado nos materiais pesquisados, tivemos nos documentos do Ensino Médio que:

A oferta do Ensino Médio em Tempo Integral no Estado de Alagoas se constitui como um avanço significativo no que se refere a uma nova forma de organização curricular. A partir de práticas pedagógicas inovadoras, pois prevê que a formação do estudante extrapole os muros das unidades de ensino, destacando a participação da família e da comunidade, a fim de atender às suas necessidades e interesses, desenvolvendo seu potencial como sujeitos históricos e sociais, levando em conta seus conhecimentos e experiências. Essa forma de oferta e organização curricular concebe a educação como espaço privilegiado para o exercício da cidadania em que o protagonismo juvenil é um aspecto importante na ação educativa (ALAGOAS, 2019, p. 13).

Assim, como parte curricular, organizada pelos componentes básicos, e parte diversificada, a educação integral organiza-se numa proposta importante, desafiadora, que se depara nos entraves estruturais da escola e formativos, tornando-se uma intensa empreitada em efetivar a proposta com eficácia, rendendo debates e discussões sobre a organização da matriz curricular.

A partir das aulas da disciplina filosofia e das disciplinas diversificadas (aprofundamento), dentro da área de Ciências Humanas e Sociais, fizemos a escolha da turma na qual a intervenção seria realizada. Durante esse processo, também assistimos às aulas do mestrado, e em uma dessas aulas conhecemos o livro *O Mestre Ignorante*, do filósofo francês Jacques Rancière, para apresentação de um seminário na aula do Professor Dr. Junot Matos.

A leitura dessa obra nos encheu de encantamento com a filosofia de Joseph Jacotot. Quando o professor nos apresentou os títulos dos livros, esse me chamou atenção, teve “meeting”. Eu nunca tinha escutado falar nesse livro e somos gratas ao mestre, por nos apresentá-lo. Faremos um parêntese para uma observação (a indicação de um livro nos dá uma pista de quem é a pessoa).

A admiração pela obra foi contagiente e apaixonante, de forma que resolvemos fazer dela o nosso objeto de pesquisa. À medida em que acontecia a leitura, ia surgindo uma tempestade de ideias e lembranças. A cada vez que se vai fazendo a leitura, o inevitável acontece: a conexão entre a proposta do texto com o Pensamento freiriano. Percebendo as semelhanças e diferenças das duas propostas pedagógicas, entendemos que tem muito mais convergências do que divergências.

Desse modo, decidimos aplicar o método da Filosofia Panecástica, desenvolvida por Jacatot, trazida por Rancière (2002), para discussões atuais, focando nos conceitos da emancipação intelectual e na autonomia freiriana. Propomos aos estudantes do segundo ano uma atividade que fosse desenvolvida por eles, que eles produzissem algo que eles tivessem interesse em aprender. O que fosse decidido estávamos ali para apoiá-los. Nosso objetivo era entender em que medida, dentro de um sistema educacional padrão de aprendizagem, há possibilidade de alcançar a emancipação intelectual e a autonomia dessa(e)s estudantes.

4.2 OS SUJEITOS DA PESQUISA

A turma escolhida para a intervenção foi o 2º ano B do Ensino Médio, composta por 32 estudantes, sendo, 19 do sexo masculino e 13 do sexo feminino. A escolha se deu pelo fato de a turma possuir maior número de aulas em que a pesquisa pudesse melhor ser feita. Alguns estudantes se destacaram mais do que outros em relação ao interesse com a pesquisa. Os principais motivos de menor interesse são

relativos a uso e apego aos jogos de celular, conversas paralelas, ou só estão ali para não levar falta e não perder a bolsa do Escola 10 e Pé-de-meia.

É uma realidade comum na maioria das escolas, verificada em conversas informais entre professores. Mesmo assim, o proposto era discutido e levado em consideração pelos estudantes que culminaram com o envolvimento das ações. O Interesse dos estudantes por essa atividade despertou mais interesse do que nas aulas “normais”, por se tratar de uma atividade diferente e na qual eles eram os protagonistas na tarefa dada para realizarem.

As atividades ocorreram na própria sala de aula e em alguns momentos, devido ao calor dentro das salas e para despertar melhor o interesse, foram realizados diálogos no espaço aberto da escola, sob as árvores (ver Figuras 1 e 2). Devido as suas inquietações referentes à juventude com idade entre 14 a 17 anos, conversam muito, o que ajuda a incentivar o diálogo, riem e se divertem em meio às interações.

Figura 1 - Debate sobre material de estudo



Fonte: Elaborada pela autora, com base em material da pesquisa (2024)

Figura 2 - Leitura de material escolhido



Fonte: Elaborada pela autora, com base em material da pesquisa (2024)

A escolha da disciplina Cultura e Identidade se deu por sua carga horária ser de duas aulas semanais, em comparação à Filosofia (uma aula semanal). As disciplinas de uma carga horária de 20 horas semanais são duas turmas de Filosofia nos segundo anos, 1 turma de Projeto Integrador, no primeiro ano, e 1 turma do segundo ano de Aprofundamento de Trilha: Identidade e Cultura. Optamos por desenvolver o experimento na Trilha de aprofundamento: Identidade e Cultura, lançando mão dos conceitos filosóficos que foram sendo construídos na perspectiva da pesquisa ao longo do primeiro semestre de 2024.

4.3 ESPAÇO DA PESQUISA

A infraestrutura da escola inclui 12 salas climatizadas, embora os ar-condicionados não funcionem devido à insuficiência da carga de energia. O refeitório é ao ar livre e integrado a um palco, e a biblioteca está improvisada em uma sala, com algumas estantes contendo livros expostos, enquanto muitos permanecem empilhados no chão. A falta de bibliotecas adequadas nas escolas estaduais continua sendo um problema grave. Não há mesas nem cadeiras para que os estudantes

possam realizar suas pesquisas. A sala de informática conta com apenas cinco computadores em funcionamento, e a escola possui uma quadra coberta. Para uma proposta de Educação Integral, torna-se importante destacar a necessidade de investimentos da rede nos espaços escolares como um dos vetores para dinamizar a proposta.

4.4 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA INTERVENÇÃO

A Investigação, sob a ótica da possibilidade de uma prática filosófica no Ensino Médio e que tem como tema: Autonomia e Emancipação Intelectual no Ensino de Filosofia: proposta para o Ensino Médio, foi definida por realizar um trabalho referenciado numa experiência do Século XVIII, trazida por Rancière (2002), mas que até hoje ainda é reivindicada pela educação brasileira: a emancipação Intelectual e autonomia dos estudantes.

A relevância dessa pesquisa envolve questões como respeito ao saber, autonomia do conhecimento e a emancipação intelectual dos estudantes. Saberes esses que já vêm sendo construídos ao longo de suas vidas, as habilidades e descobertas no dia a dia dos estudantes e que às vezes nem se percebe o quanto é importante para o desenvolvimento intelectual, para a aculturação, para o emocional, o psicológico e a autoestima dessas pessoas.

Questões como o desenvolvimento intelectual do estudante para uma vida de fato cidadã, liberta, de levar a pessoa a ser autora das ideias e consciente de suas ações, direitos e deveres, socialmente responsável e emocionalmente sadios. Por aguçar a curiosidade, e quando instigados a criar e recriar seus trabalhos escolares a partir de suas próprias ideias, correspondem de pronto, por estarem embasados em suas vivências, suas habilidades para encontrar soluções para problemas apresentados no seu cotidiano escolar.

Quando percebem o resultado dos seus esforços, se sentem orgulhosos. Ademais, dá complexidade aos seus questionamentos a respeito das angústias próprias da juventude e dos estudantes em momentos definidores dos seus projetos de vida. É notória a elevação da autoestima, da credibilidade em si mesmo, pois, quando desenvolvem trabalhos de sua autoria, se enchem de vontade, de felicidade, alegria e orgulho de ter realizado um trabalho sem que seja mandado de outrem. Para

trabalhar em equipe, mediar um diálogo sobre o que e como fazer, por onde começar, qual o sentido do trabalho em questão, são orientados a fazer três perguntas fundamentais para um trabalho que demanda respostas, levando em consideração as inferências filosóficas básicas que servem para qualquer outra pesquisa: O que é? Como é? Para que é? Perguntas essas inspiradas na filosofia aristotélica em relação à investigação filosófica. Quando assumimos uma atitude filosófica, a capacidade de aprender “sozinho” sem que o professor lhes diga o quê e como fazer, sentimos a sensação de voar, de sermos livres.

Descobrir que podemos pensar por nós, produzir sem precisar de alguém dando ordem ou nos dizendo tudo o que deve ser feito, é o que nos engrandece, nos tira da brutalidade, da ignorância. Uma prática filosófica que envolva os conceitos de autonomia e de emancipação intelectual é relevante, porque faz o estudante refletir sobre si mesmo e ter a capacidade de desenvolver seu autoconhecimento, desenvolver o pensamento crítico, possibilitando-o perceber que o que ele está fazendo na escola faz sentido na sua vida ou não, assim como ajuda-o a entender que há igualdade de inteligência entre os seres humanos, como sendo atributo de quem conhece (os seres humanos), e que o que os distingue é a vontade de aprender e o que aprender.

Como diz: Rancière (2002, p. 30), se referindo ao método de Jacotot: “Esse método da igualdade era, antes de mais nada, um método da vontade. Podia-se aprender sozinho, e sem mestre explicador, quando se queria pela tensão de seu próprio desejo ou pelas contingências, da situação”.

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, que tem como objetivo, analisar o procedimento dos estudantes na construção de uma revista em sala de aula na perspectiva da autonomia do estudante nas aulas de filosofia e ciências humanas do Ensino Médio de tempo integral. Essas abordagens têm como referência os teóricos Jacques Rancière e Paulo Freire, que trazem os conceitos emancipação intelectual e a Pedagogia da Autonomia, respectivamente.

Para Jacques Rancière, a emancipação intelectual é um processo que se baseia na igualdade e na dialogicidade entre os indivíduos. Segundo ele, o conhecimento não pode ser dissociado da realidade e, para que a emancipação aconteça, é necessário que se parta de uma filosofia da igualdade.

Rancière (2002) acredita que a igualdade das inteligências é o que emancipa, enquanto a desigualdade é o que embrutece. Ele também propõe que todas as

pessoas têm igual inteligência e que cada uma pode se tornar um mestre para a outra, ajudando-a a se desenvolverem intelectualmente.

A proposta de Autonomia, que incide na questão da emancipação, conforme Freire (2003), toma uma conotação sócio-político-pedagógica, de que a pessoa tem o direito de ter consciência do seu lugar e da sua história no mundo, de ser no mundo e saber que sabe desse lugar. A educação da autonomia propõe que as pessoas se libertem das amarras do sistema opressor e que assumam o lugar de pessoa politicamente ativa e consciente de sua condição de classe à qual pertence.

Contudo, “é a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da História” (FREIRE, 1996, p. 60). Todavia, a pessoa autônoma é aquela que participa de seu próprio processo de aprendizagem, suas próprias experiências, chegar com o “seu saber” na sala de aula e a partir desse saber construir e reconstruir novos conhecimentos.

4.5 CONTEXTO DA PESQUISA

A pesquisa está contextualizada a partir de fontes como os documentos da escola, em seu Projeto Político-pedagógico (PPP), e os livros *O Mestre Ignorante*, de Jacques Rancière, e o livro *Pedagogia da Autonomia*, de Paulo Freire, além de aulas expositivas e leituras. Os conceitos trabalhados nesses livros foram fundamentais para a compreensão dos estudantes no que diz respeito à autonomia, na medida em que se colocam surpreendidos (escrito no questionário do *Google Forms*) com a capacidade de eles poderem fazer um trabalho intelectual a partir de seus próprios interesses e escolhas.

Os objetivos da intervenção foram:

- Compreender como os estudantes se apropriam dos conceitos de autonomia, segundo Paulo Freire, e emancipação intelectual, de acordo com Jacques Rancière, destacando sua relevância no contexto educacional filosófico e em suas vidas cotidianas.
- Identificar o trabalho em grupo, a cooperação e a troca de ideias entre os estudantes durante a elaboração e produção da revista sobre cultura e identidade. Os participantes foram envolvidos no trabalho desde a formação dos grupos até a finalização do projeto.

- Criar um espaço para que os estudantes possam expressar suas ideias criativas por meio da escrita, do *design* e da organização dos conteúdos na revista, refletindo sobre como o exercício da autonomia e da emancipação intelectual pode se manifestar em suas produções.
- Aplicar os conceitos filosóficos de Freire e Rancière na prática, por meio do processo de criação da revista, permitindo que os estudantes vivenciem o que significa ser autônomo e intelectualmente emancipado em um projeto real.
- Acompanhar os estudantes sobre as características e o processo de produção de uma revista, incluindo aspectos técnicos de *design*, escrita e edição, promovendo um aprendizado que combina habilidades práticas com reflexão crítica.
- Instigar os estudantes a refletirem sobre o papel transformador da educação em suas vidas, considerando como os conceitos de autonomia e emancipação podem influenciar suas trajetórias pessoais e acadêmicas.
-

A intervenção aconteceu em momentos distintos, organizados nas seguintes datas: 10/04, 17/04, 08/05, 15/05, 05/06 e 12/06/2024. A turma escolhida foi o 2º ano B, turno integral de 9 horas. A escolha da turma foi baseada em consideração ao tempo, por estar com eles em uma aula de filosofia e duas aulas em aprofundamento em Cultura e Identidade, semanais. Para a intervenção, foram desenvolvidos planejamentos, oficinas e atividades aplicadas via *Google Forms*. A coleta de dados ocorreu por meio de diversas técnicas qualitativas, incluindo entrevistas semiestruturadas, grupos de estudo, análise de conteúdo, observação participativa e a utilização de trabalhos escritos. Essas abordagens permitiram uma compreensão aprofundada das percepções e interações dos estudantes.

A pesquisa foi confidencial, garantindo o anonimato dos participantes, exceto pelas fotos, devidamente autorizadas pelos estudantes. O gestor da escola foi informado sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa, e o consentimento dos responsáveis foi obtido antes da coleta de dados. A participação foi voluntária.

Os planejamentos foram organizados da seguinte forma, como descrito no Quadro 1:

Quadro 1 - Planejamento de aula 1

TEMA: Apresentação da Proposta de Intervenção
Objetivo: Apresentar aos estudantes a proposta de intervenção, fornecendo uma visão geral sobre Paulo Freire e Jacques Rancière e seus conceitos-chave.
Conteúdo:
<ul style="list-style-type: none"> • Breve biografia de Paulo Freire e Jacques Rancière. • Conceitos de autonomia (Freire) e emancipação intelectual (Rancière). • Discussão sobre a relevância desses conceitos no contexto educacional.
Atividade: Debate em grupo sobre a importância de autonomia e emancipação intelectual na aprendizagem.
Recursos: texto sobre autonomia

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados da pesquisa (2024)

Sobre o planejamento de aula 1, ele foi fundamentado na necessidade de promover uma reflexão crítica sobre os processos de aprendizagem dos estudantes do Ensino Médio, utilizando as contribuições teóricas de Paulo Freire e Jacques Rancière. A introdução aos conceitos de autonomia e emancipação intelectual é importante para incentivar os estudantes a se tornarem agentes ativos em sua própria educação, questionando e entendendo as estruturas de poder e conhecimento que os cercam.

Ao explorar as biografias e ideias desses dois pensadores, os estudantes serão instigados a compreender a importância da autonomia na construção de suas trajetórias educativas (Freire) e a capacidade de exercerem seu próprio pensamento crítico, independente de uma autoridade intelectual (Rancière). O debate em grupo servirá como uma plataforma para que os estudantes articulem suas próprias perspectivas sobre como esses conceitos podem ser aplicados em suas vidas, tanto dentro quanto fora da escola, fortalecendo o engajamento e a consciência sobre seu papel no processo educacional.

Quadro 2 - Planejamento de aula 2

TEMA: Paulo Freire e o Conceito de Autonomia
Objetivo: Explorar o conceito de autonomia segundo Paulo Freire, destacando sua aplicação na educação.
Conteúdo:
<ul style="list-style-type: none"> • Definição de autonomia em Freire. • O papel da educação na promoção da autonomia do estudante. • Exemplos práticos de como a autonomia pode ser incentivada em sala de aula.
Atividade: Leitura e análise de trechos da obra de Freire, seguidas de uma discussão em grupo sobre como aplicar o conceito de autonomia na vida estudantil.
Recursos: Textos de Paulo Freire, cartazes para anotações.

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados da pesquisa (2024)

Este planejamento de aula 2, ilustrado pelo Quadro 2, está fundamentado na importância de habilitar os estudantes do Ensino Médio a se tornarem sujeitos autônomos em seu processo educacional, conforme proposto por Paulo Freire. A autonomia, segundo Freire, é um princípio fundamental para a formação de indivíduos críticos e conscientes, capazes de questionar, analisar e interagir de maneira reflexiva com o mundo ao seu redor.

Ao explorar o conceito de autonomia, os estudantes serão instigados a compreender que a educação não é um processo de transmissão de conhecimento, mas, sim, uma prática libertadora, consciente de seu papel na sociedade e na sua história, na qual eles são protagonistas, agentes ativos em sua própria formação. A proposta de leitura e análise de trechos da obra de Freire visa proporcionar uma imersão nos conceitos, permitindo que os estudantes façam conexões diretas entre a teoria e sua aplicação prática em suas vidas escolares e pessoais.

A discussão em grupo será uma oportunidade para os estudantes compartilharem suas interpretações e experiências, colaborando para um entendimento coletivo sobre como a autonomia pode ser exercida e incentivada no ambiente escolar. Esse debate é essencial para que os estudantes percebam que a autonomia não é apenas uma habilidade a ser construída, mas um processo contínuo de desenvolvimento que influencia diretamente sua capacidade de tomar decisões e agir com responsabilidade e consciência crítica.

Quadro 3 - Planejamento de aula 3

Tema: Rancière e a Emancipação Intelectual
Objetivo: Compreender o conceito de emancipação intelectual segundo Jacques Rancière e suas implicações educacionais.
Conteúdo: <ul style="list-style-type: none"> • Explicação do conceito de emancipação intelectual. • A crítica de Rancière à educação tradicional e a importância da igualdade intelectual. • Discussão sobre como a emancipação intelectual pode ser promovida em contextos educacionais.
Atividade: Análise de um texto de Rancière e debate sobre como a emancipação intelectual pode desafiar as práticas educacionais convencionais.
Recursos: Textos de Jacques Rancière

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados da pesquisa (2024)

O plano de aula 3 (Quadro 3) se baseia na importância de compartilhar com os estudantes o conceito de emancipação intelectual, conforme desenvolvido por Jacques Rancière. A ideia central de Rancière é a de que todos os indivíduos possuem

igual capacidade intelectual e que a verdadeira educação deve promover essa igualdade, desafiando as hierarquias tradicionais que muitas vezes limitam o potencial dos estudantes.

Ao apresentar o conceito de emancipação intelectual, os discentes são incitados a repensar suas próprias experiências educacionais, questionando as práticas que podem ter reforçado a passividade ou a dependência em relação à autoridade do professor. A crítica de Rancière (2002) à educação tradicional serve como um ponto de partida para discutir a importância da igualdade intelectual e como ela pode ser promovida na sala de aula, estimulando uma educação mais democrática e inclusiva.

A análise do texto de Rancière (2002), seguida de um debate, oferece aos estudantes a oportunidade de aplicar os conceitos teóricos a situações práticas, permitindo que identifiquem formas de promover a emancipação intelectual em seus próprios contextos educacionais. Esse processo de análise crítica e reflexão coletiva é essencial para que os estudantes desenvolvam uma compreensão mais profunda das estruturas que moldam a educação e para que se sintam empoderados a desafiar e transformar essas estruturas em favor de uma prática educativa mais justa e equitativa.

Quadro 4 - Planejamento de aula 4

Tema: Características de uma Revista
Objetivo: Debater com os estudantes as características essenciais de uma revista, preparando-os para a criação de uma revista educativa.
Conteúdo: <ul style="list-style-type: none"> • Estrutura de uma revista (editorial, artigos, seções, <i>design</i>). • Diferentes tipos de revistas e seu público-alvo. • Exemplos de revistas educativas e análise de seu conteúdo.
Atividade: Análise de revistas impressas e digitais, com discussão sobre o que torna uma revista atrativa e informativa.
Recursos: Exemplares de revistas, computador com acesso à internet para pesquisa.

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados da pesquisa (2024)

O planejamento de aula 4 apresentado no Quadro 4 foi construído baseado na importância de desenvolver a compreensão crítica e prática dos estudantes sobre meios de comunicação, especialmente no contexto da produção editorial. Ao explorar as características essenciais de uma revista, os estudantes são habilitados a reconhecer as diferentes partes que compõem uma publicação, a identificar o público-alvo e a analisar a qualidade do conteúdo.

Essa aula se justifica, portanto, como um passo fundamental para preparar os estudantes para a criação de uma revista educativa, integrando habilidades de leitura crítica, análise de mídia e comunicação eficaz. Ao utilizar exemplos reais e recursos multimídia, os estudantes terão a oportunidade de aplicar os conceitos aprendidos na prática, promovendo, assim, o engajamento e a aquisição de competências necessárias para o desenvolvimento de um projeto editorial.

Quadro 5 - Planejamento de aula 5

Tema: Formação de Grupos, Roteiro e <i>Design</i>
Objetivo: Organizar os estudantes em grupos e iniciar a elaboração do roteiro e do <i>design</i> da revista.
Conteúdo:
<ul style="list-style-type: none"> ● Definição dos grupos de trabalho (redatores, <i>designers</i>, editores). ● Discussão sobre a escolha do tema da revista e o público-alvo. ● Introdução às ferramentas de <i>design</i> e escrita colaborativa.
Atividade: Formação de grupos para definir o tema da revista, esboço inicial do roteiro e <i>design</i> .
Recursos: Papel, canetas, computadores com programas de design e edição de texto.

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados da pesquisa (2024)

O planejamento da aula 5, ilustrado pelo Quadro 5, foi pensado com base na necessidade de desenvolver habilidades colaborativas e criativas entre os estudantes, essenciais para a produção de uma revista. Organizar os estudantes em grupos de trabalho específicos (redatores, *designers*, editores) promove a divisão de tarefas e a especialização, permitindo que cada estudante contribua de forma significativa para o projeto, de acordo com suas habilidades e interesses.

Além disso, ao apresentar aos estudantes as ferramentas de *design* e escrita colaborativa, a aula fomenta o desenvolvimento de competências técnicas que são vitais no mundo digital e editorial contemporâneo. A escolha do tema e do público-alvo da revista também incentiva os estudantes a pensar criticamente sobre como comunicar ideias de forma eficaz, considerando as necessidades e interesses de seu público. Portanto, essa aula é essencial para garantir que os estudantes estejam organizados e preparados para a fase de criação da revista, integrando aspectos teóricos e práticos de forma equilibrada.

Quadro 6 - Planejamento de aula 6

Tema: Produção da Revista
Objetivo: Finalizar a produção da revista, integrando os conceitos de autonomia e emancipação intelectual.

Conteúdo:

- Revisão final dos textos e do *design*.
- Integração das ideias sobre autonomia e emancipação intelectual no conteúdo da revista.
- Preparação para a publicação e distribuição da revista.

Atividade: Trabalho prático em grupo para finalizar a revista, incluindo a revisão e edição final.

Recursos: Computadores, impressoras, programas de *design* e edição de texto

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados da pesquisa (2024)

A aula 6, conforme ilustra o Quadro 6, foi planejada para a culminância do processo de aprendizagem e produção coletiva, no qual os estudantes aplicaram de forma prática os conceitos de autonomia e emancipação intelectual, conforme discutidos nas aulas anteriores. A produção final da revista oferece uma oportunidade concreta para que os estudantes exercitem o pensamento crítico, a criatividade e a colaboração, consolidando os conhecimentos adquiridos.

Ao integrar as ideias de autonomia e emancipação intelectual no conteúdo da revista, os estudantes são instigados a refletir sobre seu papel ativo na construção do conhecimento, alinhado às perspectivas educacionais de Paulo Freire e Jacques Rancière. A revisão e edição final dos textos e do *design* não apenas aprimoram a qualidade do produto final, mas também reforçam a importância da atenção aos detalhes e do trabalho em equipe.

Assim, essa aula foi essencial para a concretização de um projeto que não apenas simboliza a aprendizagem acadêmica, mas também o crescimento pessoal dos estudantes como sujeitos críticos e emancipados, preparados para compartilhar suas ideias de forma significativa com a comunidade.

4.6 AULA 1: APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO E DOS CONCEITOS DE AUTONOMIA E EMANCIPAÇÃO INTELECTUAL

No dia 03 de março de 2024, teve início a primeira aula de intervenção na turma do 2º ano “B” do Ensino Médio da Escola Estadual Francisco Leão. O planejamento da aula, que se baseou em uma proposta educativa centrada na autonomia, emancipação intelectual e reflexão crítica, teve como tema a "Autonomia e emancipação intelectual no ensino de filosofia: uma proposta para o Ensino Médio". Nessa aula, foram apresentados aos estudantes os conceitos-chave de autonomia, segundo Paulo Freire, e emancipação intelectual, segundo Jacques Rancière. A base

teórica que sustenta essa intervenção busca não apenas apresentar uma breve biografia desses dois pensadores, mas também promover um debate em grupo, com o objetivo de incentivar os estudantes a se tornarem agentes ativos em sua própria educação. Ao explorar as ideias de Freire e Rancière, os discentes foram convidados a refletir sobre a importância de questionar e entender as estruturas de poder e conhecimento que permeiam o contexto educacional, com o intuito de fortalecer seu papel como sujeitos críticos e conscientes dentro e fora da escola.

Nessa aula estavam presentes 35 estudantes. Nesse dia faltaram 03 estudantes. “A turma estava muito concentrada”. Quando falamos da proposta de intervenção, uma parcela da sala reagiu de forma positiva, outra parcela ficou na expectativa. Apresentamos uma visão geral sobre Paulo Freire e Rancière, descrevendo brevemente a biografia dos dois pensadores. Ainda na aula, perguntamos aos estudantes, de forma oral, o que eles estendiam sobre o que é autonomia e emancipação intelectual.

A maioria da turma ficou em silêncio, mas quatro estudantes responderam: o estudante A respondeu que autonomia seria ter responsabilidade sobre seus atos; o estudante B respondeu que autonomia seria ter suas próprias escolhas; o estudante C emitiu que autonomia é poder tomar decisões sobre sua própria vida; e o discente D respondeu que é ser livre. Sobre a emancipação intelectual, a turma manteve-se em silêncio, com exceção de um estudante que respondeu: “pensar por si só”. A partir das respostas dos estudantes A e B sobre autonomia, e do silêncio da turma sobre emancipação intelectual, foi exposto sobre o conceito de autonomia de Paulo Freire e sobre o conceito de emancipação intelectual de Jacques Rancière. Após a exposição, perguntamos se eles tinham entendido e a maioria respondeu que sim. Após esse momento, entregamos um texto curto a cada estudante presente, que continha os conceitos indicados.

Voltamos a perguntar sobre o que cada um entendia sobre os conceitos, os deixamos livres para quem quisesse falar, e quatro estudantes expuseram suas ideias. O estudante A expôs que autonomia seria agir de forma livre, mas com responsabilidade; o estudante B respondeu que é entender as consequências de suas escolhas; o estudante C respondeu que autonomia é ser livre para escolher o que quiser ser; e o estudante D explicou que seria ter consciência crítica dos seus atos. O restante da turma continuou ouvindo, mantendo-se em silêncio.

A análise dessa aula e das respostas dos estudantes sobre autonomia e emancipação intelectual pode ser vista sob diferentes perspectivas, considerando tanto os desafios quanto os avanços no processo de intervenção pedagógica.

A baixa participação inicial da turma, com muitos estudantes em silêncio, pode sugerir que os conceitos filosóficos de autonomia e emancipação intelectual, conforme apresentados, eram novos ou pouco familiares para a maioria dos estudantes. O silêncio e a hesitação podem refletir uma falta de confiança em articular ideias complexas ou a ausência de uma base prévia sólida sobre esses temas. O fato de apenas quatro alunos responderem inicialmente pode reforçar essa ideia de desconhecimento ou de pouca familiaridade com os conceitos.

Entende-se que esse cenário é comum em aulas que expõem temas filosóficos abstratos. Para muitos estudantes do Ensino Médio, a filosofia pode ser percebida como algo distante da realidade prática, o que torna a participação ativa mais difícil no início.

Outra análise é que, embora o início da aula tenha sido marcado por silêncio e pouca interação, após a apresentação mais detalhada e a distribuição de materiais de apoio, alguns estudantes começaram a demonstrar uma compreensão mais articulada sobre o conceito de autonomia, conforme evidenciado pelas respostas que incluíam elementos como "responsabilidade sobre seus atos" e "entender as consequências de suas escolhas". A evolução nas respostas indica que, mesmo com a hesitação inicial, o conteúdo foi gradualmente sendo entendido.

Esse progresso é significativo, pois mostra que, quando os conceitos filosóficos são explicados de forma clara e acessível, os estudantes conseguem perceber e refletir sobre eles. O uso de textos curtos e direcionados parece ter sido um recurso eficaz para apoiar essa assimilação, dando aos estudantes a oportunidade de processar os conceitos em seu próprio ritmo.

O silêncio geral da turma, quando questionada sobre o conceito de emancipação intelectual pode sugerir maior dificuldade em compreender e relacionar-se com esse conceito em comparação com o de autonomia. A emancipação intelectual, segundo Jacques Rancière, envolve uma ideia mais complexa de autossuficiência no pensamento, em que o sujeito é capaz de aprender e criar conhecimento de forma independente, sem depender exclusivamente de autoridades ou instituições de ensino. Essa noção pode ter parecido abstrata demais para os

alunos, o que explica a ausência de respostas, exceto pela menção simples de "pensar por si só".

O desafio aqui pode estar na dificuldade dos estudantes em associar a ideia de emancipação intelectual com suas próprias experiências educacionais, em que muitas vezes são vistos como receptores passivos de conhecimento. A falta de referência pessoal pode ter contribuído para essa dificuldade em verbalizar o conceito.

A intervenção, ao fornecer uma exposição detalhada dos conceitos, seguida de um material didático, mostrou-se importante para promover a compreensão dos estudantes. A releitura dos conceitos após a apresentação inicial parece ter permitido maior participação dos alunos e um nível mais aprofundado de compreensão, como evidenciado pelas respostas que seguiram na segunda rodada de perguntas. Esse processo ilustra a importância do papel do educador como facilitador entre o conteúdo teórico e a realidade do estudante.

Paulo Freire, em sua concepção de educação, defende que o professor não deve ser um mero transmissor de informações, mas um facilitador do processo de reflexão crítica. A explanação detalhada, seguida do uso de materiais de apoio, reflete essa abordagem freiriana, permitindo que os estudantes se apropriem dos conceitos e ressignifiquem em suas próprias palavras.

As respostas dos discentes indicaram diferentes níveis de compreensão sobre o conceito de autonomia. Enquanto alguns se concentraram na liberdade e responsabilidade individual, outros demonstraram uma visão mais crítica e reflexiva, como no caso do estudante que associou autonomia à "consciência crítica dos seus atos". Isso sugere que os estudantes estavam em estágios variados de desenvolvimento de sua capacidade crítica, o que é natural em um grupo diversificado como o de uma sala de aula do Ensino Médio.

A diferença nas respostas também indica que alguns estudantes podem ter uma visão mais pragmática e imediata da autonomia (como liberdade e responsabilidade sobre seus atos), enquanto outros podem estar começando a entender as implicações filosóficas mais profundas do conceito, como a importância da autonomia para a ação crítica e consciente, a importância de perceber o seu estar no e com mundo.

A experiência dessa primeira aula de intervenção traz alguns aprendizados importantes para as aulas seguintes. A hesitação inicial dos alunos pode indicar a necessidade de inserir esses conceitos de forma mais conectada à realidade deles,

utilizando exemplos práticos do cotidiano. A maior familiaridade dos estudantes com o conceito de autonomia pode ser um ponto de partida para explorar mais profundamente a emancipação intelectual em aulas futuras.

Além disso, estratégias que promovam a participação mais ativa de todos os estudantes — como atividades em grupo, debates ou uso de recursos multimodais (vídeos, gráficos) — podem ajudar a aumentar o engajamento, especialmente dos estudantes que se mantiveram em silêncio durante a discussão.

Conclui-se que a aula foi um primeiro passo importante na inserção dos conceitos de autonomia e emancipação intelectual para os estudantes, apesar das dificuldades iniciais de engajamento. A progressão na compreensão dos estudantes demonstra que, com explicações claras e materiais de apoio adequados, é possível desenvolver uma reflexão crítica em torno desses temas. O silêncio de grande parte da turma e a dificuldade em compreender a emancipação intelectual sugerem que esse é um conceito que requer maior trabalho e conexão com a realidade dos estudantes, mas a participação daqueles que se sentiram confortáveis para falar aponta para um caminho predisposto à construção crítica e autônoma no processo de aprendizado.

4.7 AULA 2: PAULO FREIRE E O CONCEITO DE AUTONOMIA

O segundo encontro da intervenção aconteceu no dia 17 de abril de 2024. Neste dia contamos com a presença de 29 alunos. A aula 2 teve como tema Paulo Freire e o Conceito de Autonomia.

Nesse encontro voltamos a focar no conceito de autonomia segundo Paulo Freire, de modo a refletirmos sobre o papel da educação na promoção da autonomia dos estudantes. Dialogamos sobre a importância da educação para a turma. Sobre a importância da educação, quatro estudantes emitiram opiniões. O estudante A emitiu a ideia de que a educação era importante porque por meio dela jovens pobres podem melhorar de vida, conseguir um bom trabalho; o estudante B expressou-se dizendo que por meio dos estudos poderão ter um futuro melhor; o estudante C explicou que algumas pessoas utilizam a escola para se alimentar, pois as condições econômicas de muitos estudantes da escola pública são precárias; e o estudante D disse que é por meio da escola que muitos conseguem dar um futuro melhor para a família.

Em seguida, lemos trechos do livro *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*, de Paulo Freire, e foi explicado o conceito de autonomia. Após leitura, solicitamos para que os estudantes se organizassem em grupos, e que cada grupo desse um exemplo prático de autonomia na vida estudantil para a turma. Obtivemos as seguintes respostas, conforme Quadro 7 ilustrado a seguir.

Quadro 7 - Um exemplo prático de autonomia na vida estudantil

Grupo A	Trabalho em grupo com pouca intervenção do professor.
Grupo B	Auto-organização do estudo sem esperar o direcionamento do professor.
Grupo C	Criar um cronograma de estudo independente do cronograma de avaliação da escola.
Grupo D	Escolher temas para estudar independente do que o professor pedir com base em interesse pessoal.
Grupo E	Escolher o tema de um experimento ou pesquisa, definir o que será investigado e planejado em todas as etapas do projeto, desde a pesquisa inicial até a apresentação final.

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados da pesquisa (2024)

Analizando as respostas dos estudantes sobre a importância da educação, chega-se à conclusão de que elas refletem diferentes aspectos de suas realidades e expectativas. O estudante A e o estudante B destacam a educação como um meio para melhorar a qualidade de vida e alcançar um futuro melhor. Esses pontos de vista refletem a crença de que a educação oferece oportunidades para superar barreiras socioeconômicas e conquistar um emprego melhor. Isso demonstra uma visão de longo prazo e a expectativa de que a educação possa transformar condições pessoais e sociais.

A resposta do estudante C destaca uma função prática e imediata da educação, que é o suporte a necessidades básicas, como alimentação. Para esse estudante, a escola é vista não apenas como um local de aprendizagem, mas também como um espaço essencial para o bem-estar físico e social dos estudantes. Este ponto de vista evidencia a importância da escola como uma rede de proteção em contextos de vulnerabilidade econômica e social, nos quais ela pode oferecer suporte crucial para estudantes que enfrentam dificuldades.

O estudante D vê a educação como uma ferramenta para alcançar um futuro melhor para sua família. Essa visão reflete a compreensão de que os benefícios da educação não se limitam apenas ao progresso pessoal, mas também têm um impacto

significativo sobre a vida familiar. Para este estudante, a educação é vista como um investimento que pode melhorar a qualidade de vida de seus familiares, deixando clara uma consciência das interconexões entre o desenvolvimento pessoal, o bem-estar familiar e escola.

Em síntese, as respostas dos estudantes que participaram destacam diferentes dimensões da importância da educação, que vão desde a mobilidade social e transformação pessoal até o suporte básico e impacto familiar. Essas perspectivas revelam como a educação pode ter múltiplos papéis e significados, dependendo das experiências e necessidades individuais dos discentes.

No diálogo sobre exemplos práticos de autonomia na vida estudantil, o exemplo do grupo A demonstra autonomia mediante a colaboração entre os alunos com mínima orientação do professor. A ênfase está na capacidade dos estudantes de organizar e conduzir o trabalho em grupo por conta própria, o que pode fomentar habilidades de liderança, negociação e resolução de conflitos. Esse tipo de autonomia incentiva os estudantes a assumirem responsabilidades e tomarem decisões coletivas sem depender constantemente da intervenção do professor.

No grupo B, a auto-organização do estudo representa um nível significativo de autonomia, pois os estudantes assumem a responsabilidade pelo seu próprio aprendizado sem depender do professor para direcionamento constante. Isso sugere que os estudantes são capazes de criar seus próprios planos de estudo, identificar suas necessidades e gerenciar seu tempo de forma eficaz, o que promove a autossuficiência e a habilidade de se autoavaliarem.

Já o grupo C propõe criar um cronograma de estudo separado do cronograma de avaliação da escola, indicando alto grau de autonomia, mostrando que são capazes de organizar seu tempo de forma a atender as suas necessidades pessoais de aprendizagem, independentemente das exigências institucionais. Esse exemplo destaca a capacidade dos estudantes de estabelecer prioridades e administrar seu tempo de maneira independente.

No grupo D, escolher temas para estudo com base em interesses pessoais é um forte exemplo de autonomia, pois permite que os estudantes explorem áreas de interesse e curiosidade pessoal. Isso pode aumentar a motivação e o engajamento dos estudantes, pois eles têm a liberdade de seguir suas paixões e interesses, o que pode levar a uma aprendizagem mais profunda e significativa.

O grupo E representa um nível avançado de autonomia, pois os estudantes não apenas escolhem o tema do projeto, mas também são responsáveis por todo o processo de pesquisa e apresentação. Isso envolve habilidades complexas de planejamento, pesquisa e execução, mostrando que os estudantes têm a capacidade de gerir um projeto de forma independente e completa. Essa abordagem fomenta habilidades de pensamento crítico, resolução de problemas e autoeficácia.

Conclui-se sobre a segunda atividade da aula que as respostas ilustram diferentes formas e níveis de autonomia na vida estudantil, desde a organização de tarefas de grupo com mínima intervenção do professor até a gestão completa de projetos de pesquisa. Cada exemplo representa uma forma de empoderar os estudantes para que assumam maior controle sobre seu aprendizado, desenvolvendo habilidades cruciais para a autoeficácia e a independência acadêmica.

Destarte, as atividades realizadas no segundo momento da intervenção mostram como a autonomia pode ser promovida e desenvolvida na vida estudantil. Mediante a aplicação prática dos conceitos discutidos, os estudantes têm a oportunidade de exercitar habilidades de liderança, organização, planejamento e autoavaliação.

Essas habilidades são essenciais para a formação de um estudante autônomo e capaz de gerenciar seu próprio aprendizado de maneira eficaz. Além do que, o uso dos trechos do livro "Pedagogia da Autonomia", de Paulo Freire, e a discussão sobre a importância da autonomia na educação ajudaram os estudantes a refletir sobre como esses conceitos podem ser aplicados em sua vida acadêmica. A atividade prática de elaboração de exemplos de autonomia permitiu que os estudantes conectassem teoria e prática, entendendo melhor como a autonomia pode ser vivenciada e exercida no contexto escolar.

Concluímos que esse momento da intervenção foi eficaz em promover uma compreensão mais profunda do conceito de autonomia conforme proposto por Paulo Freire. As respostas dos estudantes e a atividade prática ilustram a aplicação do conceito de autonomia em diversos contextos da vida estudantil, demonstrando um desenvolvimento significativo na compreensão e na prática da autonomia pelos estudantes. Esse momento da intervenção também reforça a importância de proporcionar oportunidades para que os estudantes exerçam e desenvolvam sua autonomia, contribuindo para sua formação integral e sua capacidade de gerenciar seu aprendizado de maneira independente.

4.8 AULA 3: RANCIÈRE E A EMANCIPAÇÃO INTELECTUAL

O terceiro momento da nossa intervenção aconteceu no dia 08 de maio de 2023. A intervenção desse dia contou com a presença de 29 alunos. O objetivo desse encontro foi compreender o conceito de emancipação intelectual conforme o pensamento de Rancière e suas implicações educacionais.

O primeiro momento da nossa aula foi utilizado para apresentar o que Rancière (2002) entende por emancipação intelectual. Para essa finalidade foram utilizados trechos do livro *O Mestre e o ignorante: cinco lições sobre a ignorância e a igualdade*.

Investigou-se a ideia de que a emancipação intelectual não depende de uma estrutura hierárquica tradicional de ensino, mas, sim, da crença na capacidade de todos os indivíduos para aprender e entender a partir dos seus interesses. Também ficou claro que a educação não deve ser vista como uma transmissão de conhecimento de mestre para estudante, mas como um processo em que todos podem se emancipar mediante o exercício de pensar e aprender, ou seja, defendemos uma pedagogia que valorize a igualdade intelectual e a autonomia dos estudantes, desafiando o papel tradicional do professor como detentor exclusivo do saber.

Num segundo momento da aula, foi debatido de como a emancipação intelectual pode ser desenvolvida em contextos educacionais, o que para nós representa desafios às práticas educacionais convencionais. No terceiro momento da nossa aula foram realizadas quatro perguntas (entregamos aos estudantes um questionário) para reflexão e discussão:

- ✓ De que maneira a ideia de emancipação intelectual pode mudar a forma como você vê o papel do professor e do estudante na sala de aula?
- ✓ Como você pode promover a igualdade intelectual em seu grupo de estudo ou nas atividades de grupo?
- ✓ Que mudanças você sugeriria nas práticas educacionais para apoiar a emancipação dos estudantes?
- ✓ Quais são algumas práticas educacionais convencionais que você acha que limitam a autonomia e a emancipação intelectual? Como essas práticas poderiam ser transformadas?

Sobre a pergunta "De que maneira a ideia de emancipação intelectual pode mudar a forma como você vê o papel do professor e do estudante na sala de aula?", dois estudantes compartilharam suas opiniões sobre o papel do professor. O estudante A destacou que percebeu que o professor não é apenas um transmissor de conhecimento, mas um facilitador no desenvolvimento das capacidades dos estudantes para construírem seu conhecimento conforme seu interesse. O estudante B acrescentou que o professor não precisa ser autoritário; em vez disso, pode promover um ambiente de liberdade de ideias entre estudantes e professores.

Quanto ao papel do estudante, três estudantes expressaram suas opiniões. O estudante A afirmou que o estudante deve assumir a responsabilidade por buscar conhecimento, não devendo depender exclusivamente do professor para isso. O estudante B enfatizou que os estudantes devem ser mais ativos, questionando, pesquisando e refletindo sobre o que aprendem. O estudante C mencionou que os estudantes podem colaborar entre si, compartilhando e ensinando o que aprenderam, ajudando-se mutuamente no processo de aprendizagem.

Na pergunta "Como você pode promover a igualdade intelectual em seu grupo de estudo ou nas atividades de grupo?", três estudantes emitiram respostas. O estudante A sugeriu que fossem criados momentos específicos para que todos os membros do grupo compartilhassem suas ideias, sem interrupções. O estudante B enfatizou que era necessário promover um ambiente onde diferentes opiniões são bem-vindas e respeitadas, e que isso seria fundamental para a igualdade intelectual. O estudante C mencionou que era necessário evitar preconceitos e exclusões reconhecendo a contribuição de todos, pois todo mundo tem algo a contribuir, pouco ou muito, mas tem.

No questionamento sobre como incorporar os princípios de emancipação intelectual nas atividades diárias da escola, quatro estudantes compartilharam suas opiniões: o estudante A sugeriu que os estudantes escolham tópicos de estudo que despertem seu interesse pessoal. Isso permitiria que explorassem e pesquisassem sobre o que realmente os motiva; o estudante B destacou a importância de se engajar mais nas discussões e atividades em sala de aula, oferecendo suas próprias ideias e perspectivas; o estudante C mencionou que trabalhar em grupo e colaborar com colegas pode criar um ambiente de aprendizado mais igualitário; o estudante D apontou que os estudantes devem buscar projetos que lhes permitam aplicar suas habilidades e conhecimentos existentes, além de adquirir novas habilidades.

Quando os estudantes foram questionados sobre práticas educacionais convencionais que podem limitar a autonomia e a emancipação intelectual, bem como sobre como essas práticas poderiam ser transformadas, quatro estudantes emitiram respostas: o estudante A respondeu que Avaliações Padronizadas limitam a autonomia dos estudantes, porque as pessoas têm diferentes formas de mostrar seus conhecimentos, e nem sempre conseguem por exemplo mostrar isso numa prova de memorização; o estudante B. A transformação sugerida foi que ao invés de provas, desenvolver projetos seria melhor. O estudante B mencionou que a autonomia dos estudantes é limitada pela forma que o estado trata os estudantes das escolas públicas, oferecendo uma educação com muitas lacunas nas matérias, o que deixava um déficit de aprendizagem para os estudantes, implicando em menos autonomia.

Analizando as respostas dos estudantes, a primeira questão nos traz a ideia de que o papel do professor deve ser mais orientado ao apoio e ao incentivo da autonomia dos estudantes, como também sugere uma visão mais colaborativa e menos hierárquica do ambiente de aprendizagem.

Também temos indicação de uma visão mais proativa e autônoma do papel do estudante, valorização da participação ativa e a autoiniciativa no processo de aprendizagem e a sugestão de uma abordagem colaborativa e interativa ao aprendizado. Ou seja, os estudantes demonstram uma compreensão crítica sobre o papel dos professores e dos estudantes na sala de aula, defendendo um modelo mais colaborativo e menos hierárquico.

Na análise da questão 2, a resposta do estudante A sugere que a escolha de tópicos de estudo que despertem o interesse pessoal dos estudantes pode promover a emancipação intelectual. Essa proposta reflete a ideia de que a aprendizagem se torna mais significativa e engajadora quando os estudantes têm autonomia para explorar temas que lhes são relevantes e motivadores.

Permitir que os estudantes escolham seus próprios tópicos pode aumentar a motivação intrínseca e o envolvimento, além de desenvolver habilidades de pesquisa e autoaprendizagem. Isso está alinhado com a visão de Rancière sobre a emancipação intelectual, que defende a importância do aprendizado autodirigido e da valorização das próprias motivações dos estudantes. A resposta do aluno B sugere que, para promover a emancipação intelectual, os estudantes devem ir além da mera recepção de informações e se envolver ativamente na construção do conhecimento.

Oferecer ideias e perspectivas próprias permite que os estudantes exerçam seu pensamento crítico e sua criatividade, contribuindo para um ambiente mais dinâmico e participativo. Essa abordagem também está alinhada com a ideia de que o aprendizado deve ser um processo colaborativo, onde o estudante não é apenas um receptor passivo, mas um participante ativo na criação e discussão de conhecimento.

Na resposta do estudante C, a colaboração reflete a ideia de que todos têm algo a contribuir e que o compartilhar de conhecimentos pode enriquecer o processo educativo. Esse princípio está em sintonia com a visão de Rancière sobre a igualdade intelectual e a capacidade de todos aprenderem. O enfoque do estudante D em projetos proporciona uma oportunidade para que os estudantes se envolvam em tarefas práticas e significativas, que exigem tanto a aplicação quanto a expansão de suas competências.

Projetos interdisciplinares ou baseados em problemas reais podem incentivar uma abordagem mais integrada e contextualizada do aprendizado, promovendo a autonomia e a capacidade de resolver problemas de forma independente. Essa proposta também reflete a ideia de que o aprendizado deve ser ativo e aplicável, não apenas teórico.

Pode-se, então, concluir da intervenção 3, mediante as respostas dadas pelos estudantes, que houve uma compreensão positiva dos princípios de emancipação intelectual. Eles reconhecem a importância de um aprendizado que seja pessoalmente significativo, colaborativo e aplicável.

As opiniões emitidas estão alinhadas com os princípios de autonomia e igualdade intelectual, promovendo um ambiente de aprendizagem mais participativo e engajador. Essas práticas podem ajudar a transformar a experiência educacional em uma aula mais inclusiva e centrada no estudante, alinhando-se com a visão de Rancière de uma educação que valoriza a capacidade de todos para aprender.

4.9 AULA 4: CARACTERÍSTICAS DE UMA REVISTA

A intervenção 4 teve como objetivo principal engajar os estudantes na criação de uma atividade autônoma. A proposta inicial surgiu de uma sugestão de um estudante: a criação de uma revista. Assim, a aula passou a focar em apresentar aos

estudantes sobre as características essenciais de uma revista e instigá-los para sua elaboração.

No dia 15 de maio de 2023, entre o material de trabalho estava o livro em quadrinhos *Os Miseráveis*, de Victor Hugo. Consequentemente, oportunizou-se a inserção dos estudantes à linguagem e ao *design* visual da revista em quadrinho. Foi-lhes solicitado que folheassem o livro e, em seguida, foi apresentado aos 28 estudantes presentes a estrutura de uma revista, abordando seções, *design* e os diferentes públicos que ela pode atingir. Também foi discutido o que torna uma revista atrativa e informativa.

Na segunda parte da aula, os estudantes receberam a sugestão de que elaborassem um plano de ação para o projeto da revista, garantindo que refletissem os princípios de autonomia e emancipação intelectual que foi trabalhado. Formamos, então, os grupos de trabalho com base nas habilidades e preferências de cada estudante para a confecção da revista. Assim, um grupo ficou responsável pelo roteiro da história, outro pelos desenhos em quadrinhos, e outros assumiram as funções de redação e coordenação dos trabalhos.

A história sugerida pelos estudantes se centrou em torno de dois jovens que estão no último ano do Ensino Médio e enfrentam dúvidas sobre suas futuras profissões. Essa escolha de uma história centrada em personagens que estão na mesma fase da vida dos estudantes é altamente relevante, o que sugeriu aumentar a identificação dos estudantes com o tema, tornando a atividade mais significativa e envolvente para eles. A história abordou um tema com o qual eles pudessem estar diretamente relacionados.

A dúvida sobre as futuras profissões é um tema que pode levar a reflexões importantes sobre identidade, escolhas de vida e a pressão social. Isso ofereceu uma oportunidade para discutir temas relacionados ao desenvolvimento pessoal e profissional, além de questões de autonomia e emancipação intelectual que estão no cerne do projeto.

A intervenção 4 foi bem planejada e executada, com bom equilíbrio entre teoria e prática. O uso de um tema relevante para os estudantes, a introdução criativa ao *design* visual e a promoção de autonomia e colaboração foram aspectos positivos que potencialmente contribuíram para um aprendizado mais significativo e envolvente.

No geral, esse momento da intervenção foi bem-sucedido em engajar parte significativa dos estudantes e promover uma compreensão prática e reflexiva dos conceitos abordados.

4.10 AULA 5 E 6: FORMAÇÃO DE GRUPOS, ROTEIRO E *DESIGN*

As aulas 5 e 6 foram conduzidas com base no planejamento 5 e tiveram como foco a organização dos grupos, a elaboração do roteiro e do *design* da revista. Na primeira aula, os estudantes foram divididos em equipes com funções específicas, como redatores, *designers* e editores. Além disso, foi discutida a escolha do tema da revista, o público-alvo, e elaborada uma introdução às ferramentas de *design* e escrita colaborativa. Na segunda aula, os estudantes começaram a esboçar o roteiro e o *design* da revista, utilizando materiais como papel, canetas, computadores e celulares.

As aulas 5 e 6 foram um tanto barulhentas, talvez pela dinâmica de trabalho em grupo, de atividade colaborativa. Houve debates para ajustar as ideias da revista, de modo que agradasse a todos os participantes. Mas, na medida do possível, tudo foi resolvido entre os estudantes.

Esse momento da intervenção revela um processo de aprendizagem ativo e colaborativo, com foco na prática e no desenvolvimento de habilidades organizacionais e criativas. A divisão dos estudantes em equipes com funções específicas (redatores, *designers* e editores) proporcionou uma experiência mais realista do trabalho em equipe, permitindo que os eles assumissem responsabilidades concretas e aplicassem conceitos na prática. O uso de ferramentas de *design* e escrita colaborativa facilitou o aprendizado prático e o desenvolvimento de habilidades tecnológicas e de comunicação.

O ambiente barulhento descrito é um reflexo natural de uma dinâmica de trabalho em grupo, especialmente quando os estudantes estão engajados em atividades criativas e colaborativas. Isso pode ser positivo, já que indica um envolvimento ativo e trocas de ideias.

Os debates entre os discentes para ajustar as ideias da revista demonstram a capacidade de negociação e de trabalho em equipe, aspectos fundamentais em projetos colaborativos.

A resolução dos conflitos de maneira autônoma pelos próprios estudantes também é um ponto positivo, pois indica desenvolvimento de habilidades de gestão de conflitos e comunicação, essenciais para o trabalho em equipe. No entanto, a facilitação do professor pode ser necessária em situações nas quais os debates se tornem improdutivos ou desorganizados.

4.10.1 Aula 7: produção da revista

Na sétima aula, os estudantes que estavam participando ativamente do projeto (15 estudantes) concluíram com sucesso a produção da revista, integrando de maneira eficaz os conceitos de autonomia e emancipação intelectual discutidos ao longo do projeto. Nesse estágio, realizaram a revisão final dos textos e do *design*, aprimorando a coesão e o diálogo entre as diferentes seções da revista.

Foi notável a satisfação de muitos estudantes com o resultado final, uma revista pronta para ser impressa e distribuída entre os colegas da escola. Essa satisfação ficou evidente nas imagens criadas pelos próprios estudantes, que refletem o engajamento e o orgulho pelo trabalho colaborativo realizado.

A intervenção realizada por nós destaca aprendizados valiosos tanto para os estudantes quanto para o planejamento das aulas futuras. A hesitação inicial de parte dos estudantes sugere que os conceitos de autonomia e emancipação intelectual devem ser inseridos de maneira mais próxima à realidade deles, com exemplos práticos que conectem teoria e cotidiano. A familiaridade dos estudantes com o conceito de autonomia pode ser utilizada como ponto de partida para aprofundar o entendimento sobre a emancipação intelectual, tema que ainda apresenta desafios de compreensão para alguns.

A estratégia de promover atividades colaborativas, como debates e uso de recursos multimodais, mostrou-se eficaz para aumentar o engajamento, especialmente entre os estudantes mais silenciosos. Isso reflete a importância de adequar a metodologia às diferentes formas de aprendizado, proporcionando a todos a oportunidade de participar ativamente. A aula foi um primeiro passo importante na construção de um entendimento mais crítico e reflexivo sobre os temas abordados.

No segundo momento da intervenção, as atividades permitiram aos estudantes vivenciarem diferentes níveis de autonomia, desde a gestão de tarefas em grupo até a condução independente de projetos. A prática mostrou que a autonomia

pode ser desenvolvida por meio de atividades que estimulem habilidades como liderança, organização e autoavaliação. A aplicação dos conceitos de Paulo Freire, particularmente da "Pedagogia da Autonomia", foi crucial para que os estudantes entendessem como essas ideias se aplicam a sua realidade acadêmica.

A conclusão da terceira atividade, com a produção da revista, evidencia um progresso significativo na compreensão e prática da autonomia e da emancipação intelectual. Os debates e a resolução autônoma de conflitos entre os grupos reforçam a importância do trabalho em equipe e da comunicação efetiva. O orgulho demonstrado pelos estudantes com o produto reflete o sucesso do projeto, que culminou em uma revista pronta para ser distribuída, consolidando o aprendizado prático e colaborativo.

Por fim, a intervenção revelou que, ao proporcionar aos estudantes oportunidades para exercitar sua autonomia e explorar conceitos filosóficos de forma prática, é possível promover um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e engajador. A compreensão dos princípios de emancipação intelectual demonstrada pelos estudantes está em sintonia com a visão de Jacques Rancière, ao valorizar a capacidade de todos para aprender a conhecer. Com isso, conclui-se que a intervenção foi eficaz em promover o desenvolvimento da autonomia e emancipação intelectual dos estudantes, elementos fundamentais para uma educação transformadora.

É importante ressaltar que, à medida que a ideia da revista foi se desenvolvendo e a construção avançando, foi criado um questionário com nove perguntas no *Google Forms*, para coletar feedback e avaliar o progresso do projeto.

As perguntas direcionadas pelo Google Forms foram:

- 1) Levando em consideração tudo que foi realizado até agora, fale sobre o que você aprendeu nesse processo da edição da revista?
- 2) E qual está sendo sua participação?
- 3) Desde os primeiros momentos das aulas, como você se sente nessa construção da revista? Fale sobre essa experiência.
- 4) Em qual sentido a Filosofia contribui na construção dos seus conhecimentos?
- 5) O que você pensa sobre a Filosofia na escola?
- 6) Em relação a sua aprendizagem, você prefere aprender com as respostas prontas ou você busca as respostas através de pesquisas? Por quê?

- 7) O que você pensa sobre a escola e a relação com sua aprendizagem?
- 8) Qual o sentido da escola na sua vida?
- 9) O que você espera da escola?

4.10.2 Análise de atividade autonomia em sala de aula

Durante o processo de intervenção à confecção da revista, os discentes participaram de uma atividade aplicada via *Google Forms*. Este exercício proporcionou a coleta de uma variedade de respostas, que foram utilizadas como parte da análise da intervenção, fornecendo dados importantes sobre o desenvolvimento do projeto. De 32 estudantes, participaram da atividade 15. Observemos o Quadro 8 a seguir:

Quadro 8 - Aprendizados e participação

1 - Levando em consideração tudo que foi realizado até agora, fale sobre o que você aprendeu nesse processo da edição da revista. E qual está sendo sua participação?

Respostas:

- Minha participação é na área dos desenhos e design dos personagens, aprendi bastante por exemplo a criação de histórias
- Está sendo ótimo, estou no roteiro.
- Aprendi a fazer o roteiro e um texto melhor. Eu sou da parte do roteiro
- Aprendi a ter uma grande importância no trabalho, minha participação como Roteirista.
- Como eu falei acho que uma parte da sala tá excluída, a minha participação foi nenhuma
- Eu aprendi a trabalhar em grupo. Minha parte foi ajudar no roteiro.
- Ajudei um pouco em tudo, e aprendi sobre a revista também.
- Ainda n sei.
- Aprendi que é muito difícil produzir uma revista. E eu estou participando do roteiro da revista
- Eu aprendi a coordenar uma equipe.
- Na revista eu aprendi muitas coisas como conhecimento de criador de revista, como criar uma revista etc ...
- Aprendi sobre a cultura indígena. Minha participação é uma pesquisa sobre as histórias das pessoas indígenas.
- eu pensei e fiz os desenhos
- Eu estou gostando da forma que está sendo realizada a produção da revista, a interação também.
- Aprendi um pouco mais sobre roteiros, fiz parte da produção dele.

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados da pesquisa (2024)

A análise das respostas dos estudantes revela uma diversidade de experiências e níveis de engajamento no processo de criação da revista. De maneira geral, podemos identificar três principais áreas de aprendizagem: habilidades técnicas, trabalho em grupo e reflexão crítica sobre o processo de criação.

- 1) **Habilidades técnicas:** muitos estudantes mencionaram a aquisição de novas habilidades, como roteiro, escrever personagens, coordenar equipes

e pesquisar sobre temas específicos. A participação no projeto permitiu que desenvolvessem aptidões diretamente relacionadas à criação de uma revista, como criação de histórias e *design* gráfico. Isso indica que a atividade foi eficiente em proporcionar aprendizado prático e aplicado, o que é um ponto positivo no processo educativo.

2) **Trabalho em grupo:** outra aprendizagem destacada foi o desenvolvimento de habilidades colaborativas. Alguns estudantes mencionam que aprenderam a trabalhar em grupo, o que sugere que a dinâmica da atividade promove a cooperação e a divisão de responsabilidades. Essa competência é essencial, tanto para o projeto quanto para o desenvolvimento pessoal dos estudantes, pois estimula a socialização e a responsabilidade coletiva.

3) **Reflexão crítica e engajamento:** nem todas as respostas foram positivas. Um estudante relatou que se sentiu excluído e não teve participação eficaz, o que levanta questões sobre a inclusão e a distribuição de tarefas dentro do grupo. A falta de engajamento desse estudante pode ser um indicador de que nem todos se sentiram parte do processo, o que merece atenção para futuras disciplinas. Por outro lado, alguns estudantes compreenderam a complexidade do trabalho, acompanhando os desafios de produção de uma revista, o que demonstra um crescimento na compreensão do processo criativo. Em síntese, as respostas mostram que a atividade foi bem-sucedida na promoção do aprendizado de novas habilidades e da cooperação entre os estudantes. Contudo, também indica a necessidade de ajustar as dinâmicas de grupo para garantir que todos se sintam igualmente envolvidos no projeto.

Observemos as respostas colhidas da Questão 2 no Quadro 9 a seguir.

Quadro 9 - Sentimentos na construção da revista

2 - Desde os primeiros momentos das aulas, como você se sente nessa construção da revista?

Respostas:

- Aprendi que é muito difícil produzir uma revista. E eu tô participando do roteiro da revista.
- Eu aprendi a coordenar uma equipe.
- Na revista eu aprendi muitas coisas como conhecimento de criador de revista, como criar uma revista etc.

- Aprendi sobre a cultura indígena. Minha participação é uma pesquisa sobre as histórias das pessoas indígenas.
- Eu pensei e fiz os desenhos.
- Eu estou gostando da forma que está sendo realizada a produção da revista, a interação também.
- Legal, meu papel é importante e comproendo que posso me divertir com isso.
- Bem.
- Me sinto bem e acho que estamos progredindo.
- Me sinto com muitas ideias e com muita confiança.
- Não.
- Me sinto bem.
- Uma experiência diferente.
- Normal.
- Me sinto um dos mais importantes para a construção do roteiro da revista.
- Bem empolgado porque consegui ver ela tomando forma.
- Me sinto um criador de revista muito conhecido
- Me sinto bem, em aprender mais com o tema que meu grupo ficou, mas também cansada.
- Me senti confortável.
- tenho gostado bastante.
- Experiência legal.

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados da pesquisa (2024)

Essa questão revela um espectro variado de emoções e percepções, refletindo diferentes níveis de envolvimento, aprendizado e satisfação.

1) **Sentimentos de progresso e satisfação:** muitos estudantes experimentaram uma sensação de progresso e realização. Sentimentos positivos como empolgação e confiança estão presentes, especialmente à medida que o projeto avança e toma forma. A maioria dos estudantes relatados se sente "bem", "confortável" e com ideias, destacando um senso de realização pessoal e satisfação com o trabalho coletivo. A interação entre os colegas e a compreensão da importância de seus papéis individuais são pontos destacados, perguntando se o projeto promoveu um ambiente colaborativo e engajador.

2) **Aprendizado e novas experiências:** Alguns estudantes destacam o aprendizado de novas habilidades, como progressivo de equipe e criação de roteiros, o que reflete uma experiência de crescimento pessoal e acadêmico. A ideia de que o processo é "difícil" também aparece, mas é acompanhada de um reconhecimento de que a dificuldade trouxe aprendizado e desafios superados. Isso demonstra que o projeto está sendo visto como uma oportunidade para o desenvolvimento de novas competências.

3) **Reflexão crítica e cansaço:** por outro lado, algumas respostas indicam cansaço ou falta de envolvimento emocional. Um estudante relatou sentir-se "cansado", mas ainda valorizando o aprendizado, enquanto outro respondeu simplesmente "não", demonstrando desmotivação ou pouca participação ativa no projeto. Essas

respostas sugerem que, embora a maioria esteja engajada, há estudantes que podem estar enfrentando dificuldades em manter o entusiasmo ou em se sentirem parte integrante do processo.

4) **Diversidade de perspectivas:** as respostas também mostram que o projeto está sendo uma "experiência diferente" para muitos estudantes, o que, em geral, foi visto como algo positivo. Alguns estudantes relataram uma sensação de "importância" dentro do grupo e na construção do roteiro, o que pode indicar que a divisão de tarefas e a atribuição de responsabilidades foram eficazes em criar uma sensação de pertencimento.

Nesse momento, o projeto de construção da revista parece ter promovido um ambiente de aprendizado prático e colaborativo, no qual a maioria dos estudantes se sente valorizada e engajada. No entanto, as respostas também apontam para a necessidade de ajustar o ritmo ou a distribuição de tarefas para evitar que alguns estudantes se sintam desmotivados ou sobrecarregados. O equilíbrio entre o desafio e o engajamento sugere ser uma área que pode ser aprimorada para garantir que todos participem de forma plena e garantida.

Outra pergunta utilizada com os estudantes foi para que falassem sobre a experiência do projeto, conforme podemos observar no Quadro 10 ilustrado a seguir.

Quadro 10 - Experiências na criação da revista

3 - Fale sobre essa experiência?

Respostas:

- Experiência legal.
- Divertidamente. Pois é legal saber como outras histórias que viraram revistas mais famosas foram feitas.
- Uma boa, pois trabalha o raciocínio.
- Nós compartilhamos ideias entre nós pra saber a melhor.
- É muito bacana imaginar e criar uma história diferenciada e sabendo que um público vai está observando o trabalho.
- Como a sala é dividida em grupinho acho que uns foram excluídos.
- É uma experiência diferente, eu nunca tinha feito uma revista.
- Tá sendo uma experiência diferente, até porque a gente tá construindo algo.
- Foi normal.
- Tá sendo divertido.
- É algo bem inovador e gosto de ver como as coisas estão fluindo.
- É uma experiência espetacular
- Bem, quanto mais você ler sobre você vai adquirindo mais conhecimento, e assim tendo mais ideias.
- Eu aprendi, e gostei do assunto.
- Está sendo bem interessante, me juntar com minhas amigas pra produzir a nossa parte da revista falando sobre a identidade.
- É interessante trabalhar com histórias.

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados da pesquisa (2024)

As respostas refletem uma diversidade de percepções sobre a experiência de criar uma revista, variando de entusiasmo à neutralidade. A análise destacou alguns pontos principais, como entusiasmo e satisfação: muitos estudantes descrevem a experiência como "legal", "divertida", "bacana" e "espetacular", demonstrando envolvimento positivo no projeto. A ideia de que o trabalho será apresentado ao público também é uma motivação importante para alguns.

No entanto, surgem desafios como a percepção de exclusão por parte de um estudante, o que revela a necessidade de um acompanhamento mais cuidadoso para garantir que todos se sintam parte do processo. Além disso, alguns estudantes parecem menos impactados, descrevendo a experiência como "normal", o que pode sugerir que o projeto não ressoou de forma tão profunda com todos. Isso aponta para uma área possível de melhoria na adaptação das atividades para atender a diferentes perfis e engajamentos. Conclui-se que o projeto foi uma ferramenta avançada de aprendizado e inovação, mas uma atenção maior à inclusão e à motivação de todos os estudantes poderia potencializar ainda mais os resultados.

A quarta pergunta é referente ao sentido da Filosofia e sua contribuição na construção dos conhecimentos dos estudantes. Observemos a pergunta e respostas ilustradas no Quadro 11 a seguir:

Quadro 11 - Contribuições da filosofia no conhecimento

4 - Em qual sentido a Filosofia contribui na construção dos seus conhecimentos?

Respostas:

- Me faz questionar.
- No sentido bom, para fortalecer o conhecimento do passado, para saber do presente e reconhecer o futuro.
- Ela contribui pra eu ser eu e não querer ser outra pessoa "ser ou não ser eis a questão".
- Refletir sobre meus problemas, pensar de maneira certa, ter amizades positivas
- acabaram influenciando para que eu tivesse um grande salto nos meus conhecimentos.
- Em nosso pensamento.
- Em alguns pensamentos.
- Ela contribui na maneira de pensar, agir e se comportar.
- No sentido das revistas.
- Me fez refletir sobre coisas que eu nunca tinha parado pra pensar.
- Me fez buscar respostas para as minhas dúvidas.
- Ela contribuiu no conhecimento dos conceitos e história dos filósofos.
- Contribui na hora de pensar o que você vai elaborar, você pensa e repensa até ter a certeza.
- Me ajuda a pensar e ter opiniões.
- Na minha opinião própria.
- Questionar as coisas.
- Acho interessante, pois ela contribui para a construção de opiniões, e aprendemos sobre os conhecidos e pensamentos de filósofos que uma vez já foram importantes para a formação da sociedade e dos conhecimentos de hoje.
- Ensina que devemos prestar atenção e procurar questionar o porquê de algo.

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados da pesquisa (2024)

A análise das respostas sobre a contribuição da Filosofia na construção do conhecimento revela várias dimensões do impacto filosófico na vida dos indivíduos:

- Estímulo ao questionamento e reflexão: “Me faz questionar”; “Questionar as coisas”; “Ensina que devemos prestar atenção e procurar questionar o porquê de algo”; “Me fez refletir sobre coisas que eu nunca tinha parado pra pensar”.

A Filosofia é percebida como um catalisador para o questionamento e a reflexão profunda. Ela desafia os indivíduos a não aceitarem as coisas como dadas e a buscarem compreender os fundamentos e as razões por trás das suas crenças e práticas. Esse aspecto é crucial para o desenvolvimento crítico e autônomo.

- Fortalecimento do conhecimento e compreensão do tempo: “No sentido bom, para fortalecer o conhecimento do passado, para saber do presente e reconhecer o futuro”.

A Filosofia é vista como uma ferramenta para conectar o conhecimento histórico com a compreensão do presente e a previsão do futuro. Isso sugere uma perspectiva que valoriza a continuidade e a relevância do conhecimento filosófico ao longo do tempo.

- Autoconhecimento e identidade: “Ela contribui pra eu ser eu e não querer ser outra pessoa ‘ser ou não ser eis a questão’”; “Me ajuda a pensar e ter opiniões”; “Na minha opinião própria”.

A Filosofia contribui para o autoconhecimento e a construção da identidade pessoal. Ela oferece um espaço para que os indivíduos desenvolvam suas próprias opiniões e se entendam melhor, refletindo sobre quem são e o que querem ser.

- Desenvolvimento de habilidades de pensamento e tomada de decisão: “refletir sobre meus problemas, pensar de maneira certa, ter amizades positivas acabaram influenciando para que eu tivesse um grande salto nos meus conhecimentos”; “Ela contribui na maneira de pensar, agir e se comportar”; “Contribui na hora de pensar o que você vai elaborar, você pensa e repensa até ter a certeza”.

A Filosofia também é vista como uma influência na maneira como os indivíduos pensam e agem. Ela promove uma abordagem mais reflexiva e crítica na tomada de decisões e na resolução de problemas.

- Conhecimento dos conceitos filosóficos: “Ela contribuiu no conhecimento dos conceitos e história dos filósofos”; “Acho interessante, pois ela contribui

para a construção de opiniões, e aprendemos sobre os conhecimentos e pensamentos de filósofos que uma vez já foram importantes para a formação da sociedade e dos conhecimentos de hoje”.

O estudo da Filosofia proporciona conhecimento sobre conceitos e pensadores que moldaram o pensamento e a sociedade. Isso amplia a compreensão histórica e cultural dos indivíduos.

- Aspectos menos claros ou específicos: “Em alguns pensamentos”; “Em nosso pensamento”; “No sentido das revistas”.

Algumas respostas são menos claras ou específicas quanto à contribuição da Filosofia, mencionando aspectos gerais ou específicos como “revistas”. Esses comentários podem refletir a influência da Filosofia de maneira mais difusa ou em contextos específicos.

Por essa questão da atividade conclui-se que para os estudantes a Filosofia é reconhecida por sua contribuição ao desenvolvimento do pensamento crítico, autoconhecimento, e compreensão histórica e conceitual. Ela influencia a maneira como os indivíduos abordam problemas, formam opiniões, e entendem o passado e o presente. No entanto, há respostas que indicam uma influência mais geral ou específica, o que pode refletir a diversidade das experiências filosóficas individuais.

Outra questão respondida pelos estudantes foi referente ao que eles pensam sobre a Filosofia na escola, como pode ser observado de acordo com o Quadro 12 abaixo:

Quadro 12 - Percepções dos alunos sobre a filosofia na escola

5-- O que você pensa sobre a Filosofia na escola?

Respostas:

- Questionar tudo e todos.
- Um pouco complicada.
- É de se pensar até porque hoje em dia a filosofia tem que está não só na escola mas em todos os lugares.
- Precisa ter mais uma dinâmica, como ao ar livre e compartilhar o conhecimento entre ambos, discutir, para assim melhorar a comunicação na sociedade.
- Não é uma das minhas matérias favoritas.
- É uma maneira de nos ajudar a aprender algumas coisas.
- É uma matéria que traz muita aprendizagem e conhecimentos
- Ela é massa.
- Que é uma das matérias mais complexas de se aprender.
- Ela é importante para o desenvolvimento do pensar de cada indivíduo.
- A filosofia é muito importante para nós estudantes porque ela carrega o conhecimento do mundo etc.
- Acho que é necessária.
- É importante e necessário para entender muitas coisas.

- Acho interessante, pois ela contribui para a construção de opiniões, e aprendemos sobre os conhecidos e pensamentos de filósofos que uma vez já foram importantes para a formação da sociedade e dos conhecimentos de hoje.
- Ensina que devemos prestar atenção e procurar questionar o porquê de algo.

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados da pesquisa (2024)

Ao analisar as respostas sobre o que os estudantes pensam da Filosofia na escola, visualiza-se uma diversidade de percepções que refletem tanto o reconhecimento da importância da disciplina quanto os desafios associados ao seu ensino. As respostas podem ser agrupadas em alguns temas principais:

Filosofia como ferramenta de reflexão crítica: vários estudantes associam a Filosofia à capacidade de questionamento e à promoção de uma reflexão mais profunda sobre o mundo e a sociedade. Comentários como “Questionar tudo e todos” e “Ensina que devemos prestar atenção e procurar questionar o porquê de algo” indicam que os estudantes veem a disciplina como uma forma de estimular o pensamento crítico, um dos objetivos fundamentais da Filosofia no currículo escolar.

Importância da Filosofia no desenvolvimento pessoal: muitos estudantes reconhecem a relevância da Filosofia para o desenvolvimento intelectual e pessoal. Comentários como “Ela é importante para o desenvolvimento do pensar de cada indivíduo” e “contribui para a construção de opiniões” indicam que os estudantes percebem a disciplina como essencial para a formação de sua capacidade de análise, reflexão e argumentação. Essa visão ressalta a importância da Filosofia no desenvolvimento do pensamento autônomo.

Complexidade e desafios no ensino da Filosofia: apesar do reconhecimento de sua importância, alguns estudantes apontam dificuldades em aprender Filosofia. Frases como “Um pouco complicada” e “Uma das matérias mais complexas de se aprender” sugerem que a disciplina é desafiadora para alguns, possivelmente devido à abstração dos conceitos filosóficos e à falta de familiaridade com o pensamento crítico e reflexivo.

Sugestões para tornar a Filosofia mais acessível: um estudante menciona que a disciplina poderia se beneficiar de abordagens mais dinâmicas e participativas, sugerindo “ter mais uma dinâmica, como ao ar livre e compartilhar o conhecimento entre ambos, discutir, para assim melhorar a comunicação na sociedade”. Essa observação aponta para a necessidade de metodologias de ensino mais engajadoras, que conectem os estudantes com a realidade e promovam um aprendizado ativo.

Percepções pessoais e preferências: alguns estudantes expressam opiniões mais pessoais sobre a disciplina, como “Ela é massa” e “Não é uma das minhas matérias favoritas”. Essas respostas indicam que a Filosofia, como qualquer outra disciplina, provoca reações distintas dependendo do interesse individual, o que também sugere a importância de estratégias pedagógicas que tornem o conteúdo relevante e interessante para todos.

Em síntese, as respostas indicam que, apesar de a Filosofia ser percebida como uma disciplina desafiadora, os estudantes reconhecem sua importância para o desenvolvimento crítico e intelectual. A diversidade de opiniões também sugere que os métodos de ensino podem ser aprimorados para engajar melhor os estudantes e facilitar a compreensão dos conceitos filosóficos, tornando o conteúdo mais acessível e dinâmico.

A questão 6 trouxe a seguinte pergunta: Em relação a sua aprendizagem, você prefere aprender, com as respostas prontas ou você busca as respostas através de pesquisas? Por quê?

Quadro 13 - Preferência de aprendizagem: respostas prontas ou pesquisa?

6- Em relação a sua aprendizagem, você prefere aprender, com as respostas prontas ou você busca as respostas através de pesquisas? Por quê?

Respostas:

- Respostas prontas podem ser falsas, não sabemos a fonte, pesquisa pode trazer verdade.
- Respostas prontas com dinâmicas valendo pontos e brindes.
- Buscar as respostas através de pesquisas, porque com as respostas prontas fica muito fácil.
- Ambos oferecem vantagens, mas o modo de pesquisa é sempre bem válido para ter um grande aprofundamento de conhecimentos, assim sendo um grande desafio para cruzar a capacidade.
- Resposta pronta.
- Pesquisar as respostas, porque eu vou poder pensar na melhor resposta.
- Um pouco de cada, até porque a gente também aprende através de pesquisas.
- Eu busco.
- Pesquisar porque já estou acostumado com esse método.
- Gosto de misturar um pouco dos dois.
- Buscar a resposta através de pesquisa.
- Com respostas prontas. Porque é mais fácil para mim entender tirando as respostas de um texto só.
- Buscar as respostas por pesquisas, porque ajuda a entrar na mente.
- Depende do assunto, alguns assuntos são melhores com pesquisas, e outros com respostas mais objetivas.
- Pesquisas, pois, fica mais gravado na mente.

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados da pesquisa (2024)

A análise das respostas revela diferentes abordagens de aprendizagem entre os estudantes, destacando suas motivações e perspectivas sobre o processo de construção do conhecimento.

Valorização da pesquisa como método de aprendizagem: uma parcela significativa dos estudantes prefere buscar respostas por meio de pesquisas. Essa preferência é justificada por diversas razões: a sensação de maior retenção de conhecimento (“pesquisa pode trazer verdade”, “ajuda a entrar na mente”), o desenvolvimento de habilidades críticas e analíticas (“pensar na melhor resposta”, “um grande desafio para cruzar a capacidade”), e a ideia de que o processo de pesquisa permite um aprendizado mais ativo e profundo. Para esses estudantes a pesquisa promove autonomia e compreensão, em vez de uma aprendizagem superficial.

Preferência por respostas prontas: alguns alunos expressam uma preferência por respostas prontas, motivados principalmente pela facilidade e praticidade que elas proporcionam. Comentários como “Porque é mais fácil para mim entender” e “Respostas prontas com dinâmicas valendo pontos e brindes” indicam que, para esses estudantes, a simplicidade e objetividade das respostas prontas tornam o processo de aprendizagem mais acessível e menos desafiador. Essa preferência pode estar relacionada ao desejo por rapidez ou à dificuldade em se engajar em processos de pesquisa mais complexos.

Equilíbrio entre respostas prontas e pesquisa: uma parte dos estudantes vê valor em ambas as abordagens. Frases como “Um pouco de cada” e “Ambos oferecem vantagens” sugerem que eles reconhecem os benefícios de respostas prontas para uma aprendizagem mais imediata, mas também apreciam o aprofundamento proporcionado pela pesquisa. Esse grupo parece buscar flexibilidade no processo de aprendizagem, adequando a metodologia de acordo com o tema ou a situação.

Crítica às respostas prontas: alguns estudantes demonstram desconfiança em relação à validade das respostas prontas, questionando sua veracidade e a confiabilidade das fontes (“Respostas prontas podem ser falsas, não sabemos a fonte”). Isso reflete uma visão crítica sobre a importância de verificar informações e não depender de respostas superficiais ou que não promovam o pensamento autônomo.

Motivação pela facilidade e objetividade: para alguns estudantes, a preferência por respostas prontas está relacionada à facilidade com que conseguem entender o conteúdo. A busca por uma forma mais rápida e direta de aprender, sem

se envolver em processos mais elaborados de pesquisa, parece ser um fator determinante para esses estudantes.

Dessa forma, as respostas indicam que os estudantes têm diferentes estilos de aprendizagem, com uma divisão clara entre aqueles que preferem a facilidade e praticidade das respostas prontas e os que optam por uma abordagem mais investigativa e ativa por meio da pesquisa. Há também uma tendência entre alguns estudantes de combinar as duas abordagens, aproveitando as vantagens de cada uma, dependendo da situação. Esse panorama oferece uma visão importante para educadores, destacando a necessidade de diversificar as estratégias de ensino para atender aos diferentes perfis de aprendizagem presentes em sala de aula.

Outra questão que os discentes responderam foi: O que você pensa sobre a escola e a relação com sua aprendizagem? Vejamos as respostas obtidas por meio do Quadro 14 a seguir:

Quadro 14 - Percepções estudantis sobre a escola e a aprendizagem

7- O que você pensa sobre a escola e a relação com sua aprendizagem?

Respostas:

- A escola é um local de vários sentimentos e pensamentos. Minha aprendizagem é normal, como qualquer um.
- Aprender, obter conhecimento e saber as origens brasileiras.
- A escola ajuda, mas temos que nós mesmos entender e aprender com a vida.
- A escola não intervou ou afetou a minha aprendizagem, apenas está disposta a me alimentar, e me acomodar em um ambiente próprio de estudos.
- Gosto da aprendizagem, mas acho que os professores devem perguntar as ideias dos estudantes.
- O que afeta é o calor.
- A escola ajuda muito na aprendizagem do estudante, não só em atividades, mas como em pessoa também.
- Muito ruim. O que eu deveria aprender de verdade sobre a vida, fico só copiando e falando de histórias sendo que isso não vai me ajudar na minha vida no futuro, a gente deveria aprender aulas de culinária como se defender e como fazer seus próprios negócios para assim ter uma vida boa e justa.
- Eu penso que a escola é um local que vai auxiliar no meu aprendizado.
- Ela é fundamental pois através da escola tenho acesso a uma enorme quantidade de informações.
- A escola é muito importante para nós estudantes e professores porque lá nós aprendemos matemática, história, filosofia, geografia, português etc...
- Na minha opinião, deveria ter mais aulas das matérias base e menos das de laboratório e trilha. Pois assim ficaria melhor para entender as matérias.
- Estou me esforçando para entender tudo que a escola transmite, mas é complicado.
- É um pouco complicado, o ambiente em si na escola muitas vezes atrapalha a aprendizagem... o calor, o estresse, o mau cheiro as vezes.
- A escola é boa e a aprendizagem também.

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados da pesquisa (2024)

As respostas dadas pelos(as) discentes refletem tanto aspectos positivos quanto desafios enfrentados por eles.

Há estudantes que veem a escola como um espaço de suporte que é essencial para a construção de conhecimento, reconhecendo sua importância na formação pessoal e acadêmica, por exemplo: “A escola ajuda muito na aprendizagem do estudante, não só em atividades, mas como em pessoa também” e “A escola é fundamental pois através da escola tenho acesso a uma enorme quantidade de informações”. Esses estudantes percebem o ambiente escolar como algo fundamental para seu desenvolvimento, tanto no nível acadêmico quanto na preparação para a vida em sociedade.

Por outro lado, outra resposta revela uma insatisfação com o modelo educacional e com o conteúdo abordado. Um dos estudantes expressa a frustração de sentir que os conhecimentos construídos não são práticos e úteis para sua vida futura: “Muito ruim. O que eu deveria aprender de verdade sobre a vida, fico só copiando e falando de histórias sendo que isso não vai me ajudar na minha vida no futuro...”, apontando para a necessidade de mais aulas práticas, como culinária ou empreendedorismo, além de uma redução de matérias consideradas menos relevantes.

Além disso, questões estruturais e ambientais, como o calor e o estresse, são citadas como fatores que afetam negativamente a aprendizagem, sugerindo que o ambiente físico da escola pode ser um obstáculo, por exemplo: “O que afeta é o calor” e “É um pouco complicado, o ambiente em si na escola muitas vezes atrapalha a aprendizagem... o calor, o estresse, o mau cheiro”.

Há também um sentimento de que o processo de aprendizagem poderia ser mais colaborativo, com maior envolvimento dos estudantes nas decisões pedagógicas, conforme expressado por um estudante que sugere que os professores deveriam perguntar mais as ideias dos alunos: “Gosto da aprendizagem, mas acho que os professores devem perguntar as ideias dos estudantes”.

As respostas sugerem que, enquanto alguns estudantes veem a escola como um espaço essencial para seu crescimento, outros sentem que há uma desconexão entre o conteúdo ensinado e as habilidades práticas para a vida. Além disso, problemas ambientais e de estrutura são destacados como prejudiciais à aprendizagem, indicando a necessidade de melhorias tanto no currículo quanto no ambiente escolar.

Em relação à pergunta: Qual o sentido da escola na sua vida?, obtivemos as seguintes respostas ilustradas no Quadro 15:

Quadro 15 - Percepções estudantis sobre o sentido da escola

8- Qual o sentido da escola na sua vida?

Respostas:

- Aprender, questionar, estudar, me divertir e ficar triste.
- Formar pessoas inteligentes para que tenhamos um bom ensino e bom futuro.
- Ensinar tanto como é o mundo do trabalho como a aprendizagem de todos que querem ser alguém na vida.
- É um sistema de estudos muito elaborado para decidir o futuro de cada um quer trilhar, trazendo oportunidades para pôr o conhecimento educacional longe e mudar de vida.
- Uns dos pilares da minha vida, quem somos nós sem a escola
- Ajuda a me formar no mercado de trabalho.
- Nos ajudar e nos preparar.
- Nenhuma, só quero passar de ano logo.
- Que se eu estudar muito posso ter um futuro promissor.
- Não entendi a pergunta.
- O sentimento dela na minha vida e que é bom aprender o que os professores ensinam a nós. Estou focado nos estudos para terminar e arrumar um emprego bem com muito benefício.
- Ela é extremamente necessária para a nossa aprendizagem, pois se você não tem um ensino completo, você não vai ter boas oportunidades de emprego.
- Aprendizagem, entendimento, socialização, e várias outras coisas.
- A escola é o início do meu caminho para ter um futuro que eu quero, estudando, cursando a faculdade/curso da profissão que desejo seguir.
- Terminar o ensino médio.

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados da pesquisa (2024)

A análise das respostas coletadas no quadro "Percepções Estudantis sobre o Sentido da Escola" revela uma variedade de visões e experiências dos estudantes em relação ao papel da escola em suas vidas. Agrupamos as respostas da seguinte forma:

- 1) Educação como ferramenta de aprendizado e desenvolvimento pessoal: um grupo de estudantes expressa uma visão da escola como um espaço essencial para o aprendizado e desenvolvimento pessoal. Frases como “aprender, questionar, estudar” e “é extremamente necessária para nossa aprendizagem” indicam que eles enxergam a escola como um lugar para conhecimento, entender o mundo e se preparar para o futuro. Esses estudantes parecem valorizar o papel da escola não apenas na apreensão de conteúdos acadêmicos, mas também no desenvolvimento de habilidades cognitivas e sociais.
- 2) A Escola como meio para um futuro melhor: outra percepção recorrente está ligada à escola como um caminho para o sucesso e a realização

pessoal. Respostas como “um futuro promissor”, “me formar no mercado de trabalho”, e “formar pessoas inteligentes para um bom futuro” refletem uma compreensão instrumental da escola. Para esses estudantes, a escola é vista como um trampolim para oportunidades melhores, tanto acadêmicas quanto profissionais. Isso sugere que muitos estão conscientes da relação entre escolaridade e inserção no mercado de trabalho, bem como da importância de ter uma educação formal para alcançar sucesso e estabilidade.

- 3) Escola como espaço social: outros discentes mencionam a socialização como um dos sentidos da escola, como na resposta que menciona “aprendizagem, entendimento, socialização”. Esse ponto de vista reforça a ideia de que a escola não é apenas um local de apreensão de conteúdo, mas também de interação social, onde os estudantes desenvolvem habilidades de convivência e criam laços importantes para a formação do indivíduo.
- 4) Visão pragmatista e crítica: por outro lado, há estudantes que expressam uma visão mais pragmática e, em alguns casos, crítica em relação à escola. Uma resposta como “nenhuma, só quero passar de ano logo” sugere uma visão utilitária, em que a escola é vista como uma etapa a ser superada rapidamente, sem envolvimento ou prazer no processo. Esse tipo de resposta pode indicar desmotivação ou falta de identificação com o ambiente escolar, refletindo uma desconexão entre o estudante e o sistema educacional.
- 5) Confusão e dúvidas: é interessante notar que uma resposta expressa falta de compreensão sobre a pergunta: “não entendi a pergunta”. Isso pode apontar para uma dificuldade de alguns estudantes em refletir sobre o papel da escola ou, talvez, sobre a falta de clareza no questionamento, o que pode ser relevante ao avaliar como as perguntas são formuladas e compreendidas pelos estudantes.
- 6) Relação emocional com a escola: algumas respostas também destacam a dimensão emocional associada à experiência escolar, como “me divertir e ficar triste”. Isso sugere que, para outros estudantes, a escola provoca uma série de emoções, tanto positivas quanto negativas. Isso pode refletir a complexidade da experiência escolar, que inclui não apenas o aprendizado

formal, mas também o impacto emocional decorrente das interações e das pressões que o ambiente escolar impõe.

7) Escola como um pilar de vida: há estudantes que enxergam a escola como um componente essencial em suas vidas. Uma resposta que ilustra isso é “um dos pilares da minha vida, quem somos nós sem a escola”. Essa visão sugere um reconhecimento profundo da importância da educação não apenas como ferramenta profissional, mas também como um meio de formação identitária e de construção de cidadania.

A análise do quadro “Percepções Estudantis sobre o Sentido da Escola” revela que a escola é vista por muitos estudantes como um espaço essencial para o aprendizado e a preparação para o futuro, além de desempenhar um papel crucial na socialização. No entanto, também há percepções mais críticas e utilitárias, com alguns estudantes mostrando desmotivação ou apenas o desejo de concluir o ciclo escolar. Esse quadro de percepções múltiplas reflete a diversidade de experiências e expectativas dos estudantes em relação à escola, o que pode ser um indicativo importante para repensar práticas pedagógicas e promover maior engajamento.

A última pergunta do questionário pelo *Google Forms* foi sobre as expectativas dos estudantes em relação à escola, conforme ilustra o Quadro 16 abaixo:

Quadro 16 - Expectativas dos estudantes em relação à escola

9- O que você espera da escola?

Respostas:

- Me trazer boas memórias.
- Que melhore.
- Que eu saia com muita aprendizagem e oportunidade de trabalho.
- Espero grandes melhorias no Ensino Médio, dinâmicas divertidas, aprovar ideias e opiniões dos estudantes em relação ao ensino.
- A melhoria dela em todos os sentidos.
- Garantir meu futuro emprego.
- Que possam nos ensinar, e nos preparar para o nosso futuro.
- Nada.
- Eu espero conseguir usar os aprendizados da escola para a minha vida.
- Espero que ela me ajude a construir meu futuro.
- Espero um ótimo aprendizado para os estudantes, espero aprender muito com a escola.
- Espero que ela de alguma forma ajude os estudantes, em relação a entrar em uma boa faculdade.
- Eu espero aprender para futuramente ter um bom conhecimento.

- Eu espero que a escola de fato se importe com a aprendizagem do estudante, a convivência, e principalmente a saúde mental dos estudantes, que muitas vezes é deixada de lado devido à pressão escolar e entre outros motivos.
- Me ajudar a terminar o Ensino Médio.

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados da pesquisa (2024)

O quadro “Expectativas dos Estudantes em Relação à Escola” evidencia diversas aspirações e desejos que os estudantes têm em relação ao ambiente escolar. As respostas variam entre expectativas práticas, emocionais e críticas, e foram agrupadas em categorias:

- 1) Melhorias no sistema educacional: uma parte dos estudantes expressa o desejo de ver melhorias no ensino. Frases como “espero grandes melhorias no Ensino Médio”, “melhoria dela em todos os sentidos” e “que melhore” indicam que os estudantes percebem que há falhas no sistema atual. Eles anseiam por uma escola mais dinâmica, que seja capaz de inovar, incorporando mais atividades interativas e divertidas, além de considerar as opiniões dos próprios estudantes. Isso sugere que, para esses estudantes, a escola ainda não atende plenamente as suas necessidades e expectativas de aprendizagem e vivência escolar.
- 2) Educação como ferramenta para o futuro: a expectativa de que a escola desempenhe um papel fundamental na construção de um futuro promissor é recorrente. Alunos mencionam que esperam “sair com muita aprendizagem e oportunidade de trabalho”, “garantir meu futuro emprego” e “ajudar a construir meu futuro”. Para esses discentes, a escola é vista como um meio instrumental que pode facilitar o acesso ao mercado de trabalho e melhorar suas chances de sucesso profissional. Isso destaca a função da escola, na percepção dos estudantes, como um espaço preparatório para a vida adulta e o mundo profissional.
- 3) Aprendizado relevante e aplicável: outra preocupação levantada pelos estudantes está relacionada à utilidade do aprendizado escolar em suas vidas cotidianas. Respostas como “espero conseguir usar os aprendizados da escola para a minha vida” e “eu espero aprender para futuramente ter um bom conhecimento” refletem um desejo por um ensino que não seja apenas teórico, mas que também tenha relevância prática. Os estudantes querem

que o que aprendem na escola os ajude de maneira concreta, seja na vida pessoal ou no desenvolvimento de competências para o futuro.

4) Saúde mental e bem-estar escolar: uma resposta que se destaca é a que menciona a expectativa de que a escola se importe com “a aprendizagem do estudante, a convivência, e principalmente a saúde mental dos estudantes, que muitas vezes é deixada de lado devido à pressão escolar”. Esse comentário revela uma preocupação com o impacto que a pressão escolar e a competitividade podem ter sobre o bem-estar dos estudantes. A saúde mental emerge aqui como um tema central, destacando a necessidade de que o ambiente escolar também promova o equilíbrio emocional, além do sucesso acadêmico.

5) Resignação e desânimo: uma resposta que diz “nada” reflete uma visão de desânimo ou apatia em relação à escola. Esse sentimento pode indicar desmotivação, desconexão com o ambiente escolar ou até mesmo uma frustração com o sistema educacional. É importante considerar que essa visão isolada pode ser um sintoma de insatisfação mais profunda com o contexto escolar, exigindo atenção por parte de educadores para explorar as causas dessa falta de expectativas. Pode revelar também a interferência de outra natureza como alguns fundamentos religiosos, que vê a escola como espaço “mundano” e “perigoso” para ser frequentado por seus fiéis. São argumentos de estudantes nos corredores da escola que pedem em aulas de Filosofia para ser ensinada pelos livros da bíblia e já houve caso de estudantes perseguirem professores da área de humanas e apontarem nos corredores por não terem a mesma crença dos mesmos. Argumentam que não precisa da escola para a vida, apenas para o certificado de conclusão, pois sua vida já está definida na igreja, o que exige uma reflexão mais elaborada e cuidadosa em relação a essas atitudes, como também por parte dos órgãos educacionais em relação ao fundamentalismo religioso.

6) Realizações a curto prazo: um estudante demonstrou expectativas mais imediatas e pragmáticas, como a de “terminar o Ensino Médio”. Isso sugere que, para esse estudante, a escola é um meio de alcançar uma meta em curto prazo, que é a conclusão do ciclo escolar. Embora isso possa estar relacionado ao desejo de superar uma etapa da vida, essa visão também pode apontar para um desinteresse em aspectos mais profundos da

experiência escolar, focando apenas na necessidade de completar uma etapa obrigatória. Ou ainda, outros interesses que não dependem da escola, como assumir uma vida religiosa baseada na “escola sem partido” por exemplo.

7) Expectativas de suporte acadêmico: outro estudante espera que a escola o ajude a alcançar metas acadêmicas mais amplas, como “entrar em uma boa faculdade”. Essa expectativa reflete a ideia de que a escola deve ser um meio para conquistas futuras, oferecendo não apenas o conteúdo necessário, mas também orientações e suporte que os preparem adequadamente para a próxima fase de suas vidas acadêmicas.

Concluímos que o quadro "Expectativas dos Estudantes em Relação à Escola" refletem uma diversidade de anseios que vão desde melhorias no ambiente escolar e uma educação mais prática e aplicável, até preocupações com o bem-estar psicoemocional e a preparação para o futuro.

As respostas mostram que, para muitos estudantes, a escola tem um papel crucial na formação profissional e pessoal, mas também revelam descontentamentos que devem ser considerados. Demandas por uma escola mais interativa, preocupada com a saúde mental e com o desenvolvimento de competências práticas apontam para a necessidade de reformulações nas abordagens pedagógicas e nas políticas de suporte ao estudante, visando um ambiente escolar mais acolhedor e eficaz.

Em suma, a atividade realizada por meio do *Google Forms* indica que os estudantes reconhecem a Filosofia como uma ferramenta importante para o desenvolvimento do pensamento crítico. Isso sugere que eles estão abertos a questionar e refletir sobre suas crenças e o mundo ao seu redor, algo essencial para sua formação intelectual e pessoal.

No entanto, apesar de valorizarem a Filosofia, muitos expressam dificuldades com a disciplina, o que aponta para a possibilidade de que o método de ensino atual não estejam atendendo as suas necessidades. Essa dificuldade pode indicar a necessidade de abordagens mais interativas e aplicadas.

Além disso, as opiniões sobre a escola são variadas. Alguns estudantes a veem como fundamental para seu desenvolvimento futuro, enquanto outros a consideram um espaço desconectado da realidade. Essa ambivalência ressalta a importância de uma educação que seja mais relevante e integrada à vida dos

estudantes. Os aspectos psicoemocionais e sociais da experiência escolar são fundamentais; um ambiente acolhedor e estimulante pode influenciar diretamente a motivação e o engajamento dos estudantes com o aprendizado.

Os estudantes também valorizam a conexão entre o conteúdo escolar e suas vidas cotidianas. A falta de atividade que unem teoria e prática pode levar a uma desconexão e desinteresse, indicando que o currículo precisa ser mais aplicado e relevante.

5 CONCLUSÃO

No percurso deste trabalho, foi investigada a possibilidade ou não de uma prática filosófica para o Ensino Médio, sob os referenciais teóricos de Jacques Rancière e Paulo Freire, baseados nos conceitos de emancipação intelectual e autonomia, respectivamente. Para entender as nuances dos temas, iniciou-se dialogando sobre os conceitos apresentados, analisando leituras de livros, textos e definindo as ações dos estudantes durante a intervenção, como objeto de análise da pesquisa.

Neste sentido, a pesquisa tomou como campo de investigação os conceitos de emancipação intelectual e autonomia com estudantes na sala de aula, construção de uma revista e um questionário via *Google Forms*. A partir das análises documentais, como o livro em quadrinhos “Os miseráveis”, de Victor Hugo, definições de Emancipação e autonomia, Referencial Curricular do Estado de Alagoas (RecAL), e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), das discussões sobre os conceitos de emancipação e autonomia como prática de sala de aula, realizado por Josef Jacotot no século XIX e retomado por Rancière, em seu livro, *O Mestre Ignorante: cinco lições sobre emancipação intelectual*. A sala de aula do segundo ano B da Escola Estadual Francisco Leão, situada na cidade Rio Largo, Alagoas, foi tomada como laboratório de observação e análise.

A elaboração da revista possibilitou o exercício da autonomia, a partir dos diálogos em equipes e a organização dos trabalhos por habilidades de cada estudante. A maneira como foi conduzida o processo evidenciou que os estudantes têm, cada um a seu modo, capacidade de escolher, decidir, organizar-se como cada um participa, quem tem habilidades e competências em determinado assunto ou técnica. Isso retrata um sujeito criativo, ativo, crítico, atuante, independente da interferência do professor, e se situando como sujeito do processo ensino-aprendizagem.

No entanto, houve dificuldades de alguns estudantes no início do processo de assumirem uma postura autônoma, devido às práticas docentes serem permeadas ainda como tendo o professor no centro do conhecimento e detentor do saber, colocando o estudante no lugar de um sujeito inferiorizado, necessitado dos conhecimentos do mestre para aprender. No contexto em que ele atua, as escolas estão permeadas por práticas pedagógicas cuja postura do professor é, quando não

autoritária, de condução direta de ensino e aprendizagem, muitas vezes esquecendo que, tanto o professor, quanto os estudantes fazem parte do processo. Mas é preciso que se exerçite entre os jovens a autonomia, assunção das suas ações frente aos desafios que são lançados.

Nas análises realizadas, percebeu-se que o exercício filosófico baseado na emancipação intelectual e autonomia proporcionou aos estudantes mais tranquilidade e entusiasmo quando perceberam que podiam aprender criando, refletindo, decidindo e que podem aprender sozinhos, sem interferência direta do professor, deixando-os mais seguros de si. Desta maneira eles mesmos decidem o que fazer conforme seus interesses e não os interesses ditados pelo docente e pelo sistema escolar.

Portanto, compreender o papel do estudante e do professor nesse espaço de aprendizagem voltado para emancipação intelectual e autonomia tem uma imensa contribuição para a formação de um sujeito consciente de seu lugar na história, na sociedade e na vida. Percebe-se também que o conhecimento é construído do indivíduo para o coletivo, ou seja, cada indivíduo é sujeito ativo do seu conhecimento.

Na perspectiva de uma prática pedagógica à luz da filosofia de Rancière e Freire, pode-se indicar para ser integrada ao currículo de filosofia e demais disciplinas presentes nos espaços escolares como premissa de uma aprendizagem que assegure ao estudante o seu protagonismo, pois o que é praticado hoje na escola como protagonismo é complexo e desafiador, por se tratar de um trabalho que exige do professor empenho, dedicação, tolerância, paciência, amorosidade, parceria e entendimento do papel da autonomia e emancipação do estudante nesse processo. Ademais, requer mudança de hábitos e postura em relação às metodologias, assim como relação professor/estudante. Requer um novo olhar para o estudante em seu processo de aprender.

Outro aspecto relevante identificado na intervenção é a valorização, a particularidade de cada estudante e as diversidades presentes na sala de aula e que é preciso ter um olhar, diferenciado, atento do entorno, assim sendo, o primeiro passo para uma ação bem-sucedida dentro da sala de aula, o que não quer dizer que seja a coisa mais fácil. São desafios que podem ser superados com a persistência e resistência que o fazer pedagógico exige.

Promover a humanização, solidariedade, coletividade, autoconhecimento, a empatia, a alteridade e o respeito às diferenças são essenciais para um ambiente

educacional inclusivo e democrático. Esse aspecto ficou evidenciado na formação dos grupos de trabalho que os estudantes conduziram.

A pesquisa evidenciou que é exequível a proposta de se ter uma prática pedagógica referenciada nas teorias da autonomia e emancipação intelectual de Paulo Freire e Rancière para o estudante e também para o professor, pois o estudante aprender sozinho não invalida a presença do professor na aula e nem tão pouco é desnecessário, inversamente disso, é fundamental no processo de ensino e aprendizagem. É um processo dialético e necessita do facilitador (professor) para que o processo de aprendizagem tenha êxito.

Com a produção da revista, ficou evidenciado um progresso significativo na compreensão e prática da autonomia e da emancipação intelectual. Os debates e a resolução autônoma de conflitos entre os grupos reforçam a importância do trabalho em equipe e da comunicação efetiva. O orgulho demonstrado pelos estudantes com o produto final reflete o sucesso do projeto, que culminou em uma revista pronta para ser distribuída, consolidando o aprendizado prático e colaborativo.

Por fim, a intervenção revelou que, ao proporcionar aos estudantes oportunidades para exercitar sua autonomia e explorar conceitos filosóficos de forma prática, é possível promover um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e engajador. A compreensão dos princípios de emancipação intelectual demonstrada pelos estudantes está em sintonia com a visão de Jacques Rancière, ao valorizar a capacidade de todos para aprender a conhecer a partir dos seus interesses e, com isso, conclui-se que a intervenção foi eficaz em promover o desenvolvimento da autonomia e emancipação intelectual dos estudantes, elementos fundamentais para uma educação transformadora.

Neste sentido, o estudo deve continuar em futuras pesquisas, sendo, portanto, fundamental que as políticas educacionais e os currículos escolares reconheçam na educação básica uma prática emancipatória e inclusiva, que não estejam apenas nos documentos oficiais, mas também habilite os estudantes a questionar, decidir, agir e transformar as estruturas de poder que regulam suas vidas. A Filosofia, como instrumento de ação, crítico e reflexivo, pode desempenhar um papel vital nesse processo fornecendo ferramentas conceituais e analíticas para uma compreensão mais profunda das complexidades humanas.

É importante ressaltar que, à medida que a ideia da revista foi se desenvolvendo e a construção avançando, foi criado um questionário com nove perguntas no *Google Forms* para coletar feedback e avaliar o progresso do projeto.

A pesquisa foi muito desafiadora, prazerosa e enriquecedora, possibilitando uma reflexão sobre as práticas pedagógicas e suas consequências de uma pedagogia emancipadora. Enfrentamos muitos desafios, mas também presenciamos o quanto foi impactante e exitosa a desenvoltura dos estudantes na sala de aula. Esse experimento nos demonstrou e consolidou a nossa proposta de autonomia e emancipação intelectual em sala de aula.

Logo, podemos concluir que os objetivos da pesquisa foram alcançados. A intervenção foi exitosa no que diz respeito à ação da autonomia, na qual a maioria dos estudantes entendeu e exerceu sua autonomia, decidindo e produzindo uma revista que teve como tema cultura e identidade, e a história criada por eles foi inspirada nas preocupações de estudantes que estão se questionando sobre seu futuro fora da escola. Isso ficou evidente também nas respostas dadas pelos estudantes via *Google Forms*, no qual eles expressaram satisfação, orgulho, prazer e reconhecimento da relevância do trabalho que realizaram, além de descobrirem a capacidade de aprender de forma individual e coletiva.

No entanto, alguns levaram um tempo maior para entender a proposta e outros poucos preferiram ficar jogando no celular e, ao mesmo tempo que jogavam, inferindo algumas opiniões, o que requer um olhar mais atento à metodologia e encaminhamento da pesquisa. É o que pretendemos aprofundar em futuras pesquisas ou indicamos àqueles que tiverem interesse em fazer esse trabalho.

Por se tratar de intervenção com proposta diferenciada da qual eles estão habituados a receber no dia a dia (as das respostas prontas, respostas dadas pelo professor), demorou-se mais tempo para que eles entendessem: sentiam cansaço de ler, de pensar, resistiram um pouco em participar, no entanto, outros se empolgaram e se dedicaram, comprometendo-se com o trabalho. Isso ficou evidenciado na consulta realizada via *Google Formulários*, em que eles expressaram satisfação, prazer e reconhecimento da relevância do trabalho que realizaram, além de descobrirem a capacidade de aprender de forma individual ou coletiva.

Sucintamente, esta pesquisa reconhece e reafirma a relevância da autonomia e a emancipação intelectual dos estudantes para um real protagonismo no exercício da cidadania e de um sujeito reconhecidamente consciente do seu papel

transformador e político na sociedade. Os resultados desse trabalho destacam a necessidade de formação continuada para os professores repensarem a relação professor e estudante, a importância do estudante ser parte ativa do que vai aprender e a continuidade de pesquisas sob a teoria e prática de uma educação emancipadora e autônoma, contribuindo, assim, para uma sociedade mais justa, igualitária, solidária e mais humanizada para todas as pessoas.

REFERÊNCIAS

ALAGOAS, Governo do Estado de Alagoas. **Projeto de Ensino Médio Integral.** Maceió: 2019.

ALAGOAS, Governo do Estado de Alagoas. **Referencial curricular de alagoas.** Maceí: Seduc, 2023.

ALBUQUERQUE, S. L.; KOHAN, W. O. (2023). Josef Jacotot no Brasil: ecos pedagógicos de um ressoar político. **Revista Brasileira 281 de História da Educação**, 23, e 281, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/rbhe.v23.2023>. Acesso em: 12/12/2024.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e da pedagogia.** São Paulo: Moderna, 1993.

BARBOSA, P. S. C. Introdução ao estudo da felicidade segundo Aristóteles. Saberes: **Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação**, [S. I.], v. 18, n. 2, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.21680/1984-3879.2018v18n2ID13809>. Acesso em: 5 jul. 2024.

BITTAR, Marisa. **História da educação: da antiguidade à época contemporânea.** São Carlos: EdUFSCar, 2009.

BRANDÃO, R. C.; BORGES, M. A pesquisa participante: um momento da educação popular. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 6, n. 1, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional Comum Curricular Ensino Médio.** Brasília: MEC, 2018.

CABRAL, Ludio. **Ditadura nunca mais.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2024.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler.** São Paulo: Cortez, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GALLO, S. **Metodologia do ensino de Filosofia:** uma didática para o ensino médio. Campinas, SP: Papirus, 2012.

MATOS, Junot Cornélio. **Filosofia (da) Perguntação/Junot Cornélio Matos;** Organizadores: Junot Cornélio Matos e Gildemar Guierme da Silva-1. ed.-Maceió, AL:Editora Café com Sociologia, 2021.

LARROSA, J. **Tremores**: escritos sobre experiência. Jorge Larrosa; tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. – 1. ed; 6. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

LINDBERG, C. **Ensino de Filosofia e a reforma educacional: o que fazer?** |ANPOF Disponível em: <https://www.anpof.org.br/comunicacoes/coluna-anpof/o-ensino-de-filosofia-e-a-reforma-educacional-o-que-fazer>. Acesso em: 13/08/2023.

PAIM, Antônio. **História da filosofia no Brasil**. Londrina: Edições Humanidades, 2007.

PARRA, Violeta. **GRACIAS a la vida**. Intérprete: Violeta Parra. Compositores: V. Parra. In. Las Últimas Composiciones. Intérprete: Violeta Parra. [S. l.]: ARCI Music/RCA Records, 1966. LP, faixa 1.

PELLEJERO, Eduardo. **A lição do aluno. Uma introdução a obra de Jacques Rancière**. Disponível em <http://www.cchle.ufrn.br/saberes>. Acesso em 12 de mai. De 2025.

PINHEIRO, Joaquim de A.P. **Paulo freire pelo mundo**. Veranópolis-RS: Diálogo Freiriano, 2024.

RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante** – cinco lições sobre a emancipação intelectual Jacques Rancière; tradução de Liliam do Vale – 3. ed. 10 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

RODHEN, Cacau. Documentário **Nunca me sonharam**. Direção: Cacau Rhoden. Produção: Maria Farinha Filmes, duração: 1h20', 2017. Disponível em: <http://www.videocamp.com/pt/movies/nuncamesonharam>. Acesso em: 10/03/2024.

SANTOS, T. F. dos. **Panorama histórico da filosofia no Brasil**: da chegada dos jesuítas ao lugar da filosofia na atualidade. Seara Filosófica, N. 12, Inverno, 2016, P. 126-140.

APÊNDICE A – FORMULÁRIO DE PESQUISA

*Indica uma pergunta obrigatória

Reflexões sobre cultura, identidade e a Filosofia.

- 1) Levando em consideração tudo que foi realizado até agora, fale sobre o que você aprendeu nesse processo da edição da revista? E qual está sendo sua participação?*

Sua resposta: _____

- 2) Desde os primeiros momentos das aulas, como você se sente nessa construção da revista?*

Sua resposta: _____

- 3) Fale sobre essa experiência?*

Sua resposta: _____

- 4) Em qual sentido a Filosofia contribui na construção dos seus conhecimentos?*

Sua resposta: _____

- 5) O que você pensa sobre a Filosofia na escola?*

Sua resposta: _____

- 6) Em relação a sua aprendizagem, você prefere aprender, com as respostas prontas ou você buscar as respostas através de pesquisas? Por quê?*

Sua resposta: _____

8) O que você pensa sobre a escola e a relação com sua aprendizagem?*

Sua resposta: _____

9) Qual o sentido da escola na sua vida?*

Sua resposta: _____

10) O que você espera da escola?*

Sua resposta: _____

APÊNDICE B – REVISTA DO ESTUDANTE
FILOSOFIA: IDENTIDADE E CULTURA



Revista do estudante



*Em busca do
meu futuro*

edição especial

Magoas 2024

Editorial

A Revista do estudante foi uma proposta apresentada pela turma do segundo ano B da Escola Estadual Francisco Leão a Professora de Filosofia, Maria Corina da Conceição, na disciplina de aprofundamento, Trilha: Cultura e Identidade como resultado da proposta pedagógica do projeto de pesquisa em autonomia do estudante na sala de aula no ano letivo de 2024. Aqui será apresentado o trabalho da turma, como foi dividido e organizado a participação, o compromisso e as dificuldades enfrentadas para realizar uma atividade autônoma e emancipada intelectualmente pelo(a)s estudantes. Para que tivesse uma maior participação, foram divididos os grupos de acordo com as habilidades de cada um ou da equipe. Cada estudante foi se colocando a disposição e outros falaram das habilidades uns dos outros e dessa forma, os grupos se organizaram e realizaram os trabalhos. Antes de ir para parte prática, foram apresentados e discutidos conceitos e temáticas como: identidade, cultura, autonomia e emancipação intelectual e para isto, dedicamos o primeiro semestre a construção da revista. Após discutir os conceitos principais, lemos a Revistas em Quadrinhos: Os Miseráveis, do autor, Victor Hugo. A finalidade da leitura, não só para debater o tema trazido por Victor Hugo, mas também, para que se apropriassem da forma e da estrutura da revista para ter uma ideia de como fazer uma revista. As abordagens tiveram como princípio norteador, a autonomia e a emancipação intelectual. Os estudantes foram desafiados a construir uma revista totalmente independente e sem a participação direta da professora. O papel da professora foi o de facilitar os trabalhos dos estudantes. Eles fizeram os desenhos, o roteiro e a narrativa. Esse trabalho também teve um questionário para saber o que eles acharam de realizar essa atividade e tivemos as mais variadas respostas, porém, a mais interessante é que perceberam que podiam fazer algo que eles ainda não conheciam e que podem ser parte integral do processo do conhecimento.

Maria Corina da Conceição

Maceió, fevereiro de 2025



Alagoas 2024

Rafael e Pedro

Em busca do
seu futuro



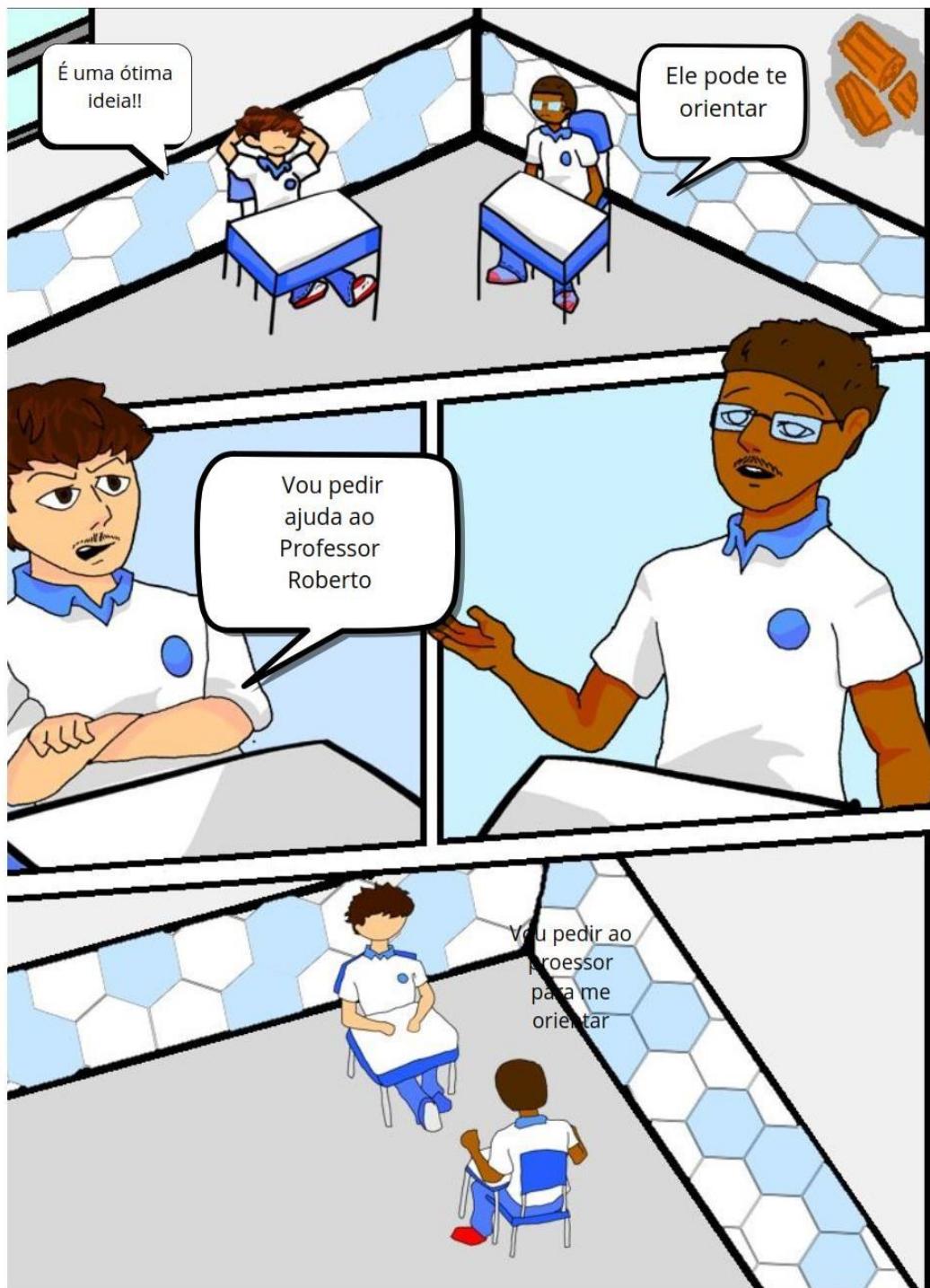
Revista do Estudante



REVISTA DO ESTUDANTE



REVISTA DO ESTUDANTE



REVISTA DO ESTUDANTE



REVISTA DO ESTUDANTE

A história pode continuar na terceira série...



REVISTA DO ESTUDANTE

Filosofia: Identidade e Cultura



*Em busca do
seu futuro*

Autores:

Abner, Gustavo,
Hemylli, Diego,
Emersom,
Gabriel, Jadson,
João Vitor

REVISTA DO ESTUDANTE

Participantes nas aulas e
na pesquisa:

FRANCISCO LEÃO
TCI
EQUIPES DE TRABALHOS
2º B 2º BIMESTRE

1º GRUPO DA REVISTA -
ABNER – DIRETOR
GUSTAVO HENRIQUE – DESENHISTA
DIEGO EMANUEL – ROTERISTA
JADSON – ROTERISTA
HEMILLY ROTERISTA
JOÃO VITOR – ROTEIRISTA
VITOR GABRIEL – ROTEIRISTA
GABRIEL RENATO – ROTEIRISTA
EMERSON ALEXANDRE – CAPA
GUSTAVO HENRIQUE – CAPA
LUCAS VITAL- APRESENTAÇÃO DA REVISTA

2ª REVISTA – IDENTIDADE INDIGENA/...
JUANE – ROTEIRO
REBECA – ROTEIRO
LAYLA – DESENHO
CLARA – DESENHO
EVELY – PINTURA DO DESENHO

APRESENTAR TRABALHO
JACKSON
BRENDA
FERNANDA
RAYSSA SANTOS
RAYSSA MIRELLY
TRABALHO – IDENTIDADE CULTURAL ALAGOANA
KALEBE
ANDREY
MIQUEIAS
KAUA